



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

LUÍS MIGUEL PINHEIRO FERNANDES

A Questão de Deus na educação, hoje

Uma reflexão a partir da Unidade Letiva “Deus, o grande Mistério” do 9º ano do Ensino Básico do programa de Educação Moral e Religiosa Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2015

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| LISTA DE FIGURAS | 3 |
| INTRODUÇÃO | 4 |
| CAPITULO I – O LUGAR DA EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA NO MUNDO SECULAR | 6 |
| 1. Será possível falar de Deus, hoje? | 6 |
| 2. Educar: o que é? | 8 |
| 3. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) na escola | 10 |
| 4. O professor de EMRC | 12 |
| 5. Síntese | 13 |
| CAPITULO II – DEUS, O GRANDE MISTÉRIO | 15 |
| 1. A dimensão da questão | 15 |
| 2. A experiência de Deus | 17 |
| <i>2. 1. Será possível a experiência de Deus?</i> | 17 |
| <i>2. 2. Formas e lugares para a experiência de Deus</i> | 20 |
| <i>2. 3. A experiência cristã de Deus</i> | 22 |
| 3. Conhecimento de Deus pela fé | 25 |
| 4. Síntese | 28 |
| CAPITULO III – ELABORAÇÃO DE UM DISPOSITIVO PEDAGÓGICO E DIDÁTICO PARA A UNIDADE LETIVA 2 – DEUS, O GRANDE MISTÉRIO | 29 |
| 1. Análise comparativa da Unidade Letiva nos programas curriculares de 2007 e 2014 | 29 |
| 2. Apresentação da Unidade Letiva “Deus, o grande Mistério” | 31 |
| 3. Proposta de planificação e descrição das aulas | 33 |
| 4. Avaliação da Unidade Letiva | 59 |
| 5. Síntese | 62 |
| CONCLUSÃO | 64 |

BIBLIOGRAFIA

66

ANEXOS

70

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Diferenças no programa curricular do 9.º ano de escolaridade | 30 |
| Figura 2 – Metas e objetivos a desenvolver na Unidade Letiva “Deus, o grande mistério | 31 |
| Figura 3 – Letra da música “Que Deus?” | 35 |
| Figura 4 – Exercício do Caderno do Aluno | 35 |
| Figura 5 – Texto adaptado de Roger Garaudy, <i>Será que precisamos de Deus?</i> | 37 |
| Figura 6 – Exercício do Caderno do Aluno | 38 |
| Figura 7 – Exercício sobre a caracterização do Deus de Jesus Cristo. | 38 |
| Figura 8 – Texto do Manual do Aluno “Uma história de fé” | 40 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge no contexto da Prática de Ensino Supervisionada (PES) e tem como objetivo o aprofundamento teológico e pedagógico-didático da Unidade Letiva – Deus, o grande Mistério – que faz parte do programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) do 9º ano de escolaridade do ensino básico.

A interrogação sobre Deus é uma questão humana fundamental. Em qualquer um dos anos de escolaridade, e de um modo especial no 9º ano, esta problemática – *A questão de Deus na educação, hoje* – exige do Professor de Educação Moral e Religiosa Católica uma maior atenção e reflexão. Por isso, em jeito de esclarecimento pessoal e de aprofundamento pedagógico-didático, debruçamo-nos sobre este assunto que, desde sempre ocupou o ser humano.

Todas as pessoas, questionando-se sobre si mesmas e sobre o sentido da vida, pergunta fundamental que envolve o viver humano, acabam por colocar a questão de Deus. O sentido da vida é algo muito concreto e pessoal, por isso, é no interior da própria pessoa que se desenrola toda esta questão de Deus.

A busca e a presença da fé são uma constante na existência da humanidade, quer esta a rejeite ou a abrace. O ser humano sem fé – em sentido antropológico geral – é um ser perdido no mundo circundante e em si próprio. Sem fé não sabe encontrar o sentido e o fim da sua existência.

Partindo destes pressupostos, queremos entender e aprofundar os conhecimentos e elaborar instrumentos de trabalho, capazes de incentivar os alunos a questionar-se e a adentrar-se no Mistério fascinante de Deus.

Motivados em concretizar este objetivo o trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, refletiremos sobre a Educação Moral Religiosa Católica (EMRC) no mundo secular. Num primeiro momento, partiremos do conhecimento do fenómeno religioso como ponto fundamental na formação e na educação integral da pessoa humana. Toda a educação deve ensinar a ser, transmitindo valores, ajudando os educandos a adquirir uma convicção interiorizada e orientação para as suas vidas. Num segundo momento, focaremos a contextualização no que se refere à presença da EMRC na escola, afirmando a sua legitimidade curricular ao assumir um claro valor educativo e ao promover a educação integral. Será também abordado neste capítulo o perfil do professor que leciona a disciplina de EMRC.

No segundo capítulo, conscientes de que o ser humano é, por inerência, um ser que tem como inata uma predisposição para a transcendência, para a procura do que está para

além das realidades visíveis, abordaremos, de um modo sintético, o Mistério de Deus. Será realmente Deus o desconhecido? O Mistério Insondável? Deus quer entrar em relação, quer revelar-se à pessoa humana. O Catecismo da Igreja Católica diz que Deus quer tornar os Homens capazes de Lhe responderem, de O conhecerem e de O amarem, muito para além de tudo o que seriam capazes por si próprios.

Perante isto, surge a fé como resposta do ser humano ao chamamento de Deus. A fé em Deus é assim uma realidade com sentido. O Papa Francisco na Carta Encíclica *Lumen Fidei* diz que a compreensão da fé é aquela que nasce quando recebemos o grande amor de Deus, que nos transforma interiormente e nos dá olhos novos para ver a realidade.

O terceiro e último capítulo, em complementaridade com os capítulos anteriores, será inteiramente dedicado às exigências da Prática de Ensino Supervisionada (PES), ou seja, à elaboração de um dispositivo pedagógico e didático para a lecionação da Unidade Letiva 2 “Deus, o grande Mistério”. Num primeiro momento, faremos uma análise comparativa desta unidade letiva nos programas do ano de 2007 e 2014. De seguida, apresentaremos a unidade letiva, onde serão expostas uma proposta de lecionação, a descrição das aulas e a avaliação das mesmas.

Por último, será feita uma avaliação geral da unidade letiva bem como da experiência de lecionação.

CAPÍTULO I - O LUGAR DA EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA NO MUNDO SECULAR

Tendo em conta a complexidade da sociedade em que vivemos é importante que a própria sociedade integre “no seu seio as convicções religiosas e os valores ligados ao sagrado de um modo natural, não só como forma de compreender melhor os fenómenos históricos da humanidade, mas também como demonstração da capacidade integradora da sociedade”¹.

Neste sentido, o Estado democrático deverá criar condições para que a liberdade religiosa se afirme realmente. Longe de desvalorizar o fenómeno religioso, “importa desenvolver o conceito de *laicidade*, em que o não confessionalismo se não confunde com a indiferença”². Deste modo, o ensino religioso pode ter lugar nas sociedades democráticas, desde que se respeite alguns requisitos essenciais como: “a livre opção; o pluralismo; a salvaguarda da liberdade religiosa; e a compreensão de que o serviço público de educação forma cidadãos livres e responsáveis e não prosélitos religiosos”³.

Se a missão da escola é formar cidadãos livres e responsáveis, importa inserir o ensino das religiões em nome da “emancipação das pessoas”⁴. Assim, o conhecimento do fenómeno religioso constitui um ponto fundamental na formação e na educação integral da pessoa.

1. Será possível falar de Deus, hoje?

“A questão de Deus é uma questão humana fundamental”⁵. De uma forma ou de outra, o ser humano é um ser voltado para o transcendente e, por isso, tem necessidade de voltar-se para fora, de encontrar a razão da sua existência. Em todos os lugares e em todos os momentos da história isso aconteceu desde as primeiras civilizações humanas.

“A procura do Transcendente, da Divindade, do Sagrado, é uma realidade humana e universal”⁶. A história das religiões tem demonstrado que o ser humano procura respostas para as mais variadas situações existenciais, para o sentido da vida e da morte.

“O ser humano é um ser religioso. Desde sempre todos os povos procuram respostas às questões profundas da existência humana: Qual a origem de todas as coisas? Qual o destino

¹ Guilherme MARTINS, “O conhecimento do fenómeno religioso” in *Pastoral Catequética*, n.º 5, 2006, nº 1.

² *Ibidem*.

³ *Ibidem*.

⁴ *Ibidem*, nº 9.

⁵ AA. Vv., *Horizontes de Esperança, Manual do Aluno 9º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição Fundação do Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2010, 51.

⁶ *Ibidem*.

último de toda a realidade? Fará sentido a vida humana perante a morte? Poderemos esperar o triunfo do bem sobre o mal?”⁷

Neste sentido, educar para a abertura ao transcendente constitui, hoje, uma tarefa educativa. É importante despertar a consciência do aluno para o aprofundamento do mistério do ser humano como manifestação do Mistério de Deus; fazê-lo perceber na experiência humana a presença de uma dimensão transcendente que dá sentido à vida e às opções fundamentais que marcam a existência humana.

“A educação é um processo que conduz à realização da pessoa, em ordem à sua relação com os outros e com o universo. Ora Deus é o Outro absoluto com O qual o ser humano é chamado a entrar em relação. Há no ser humano uma procura de liberdade, uma constante procura de sentido, que não é possível satisfazer plenamente sem fazer apelo aos valores religiosos”⁸.

Torna-se necessário aprofundar as realidades aparentemente contraditórias ou das quais não se consegue perceber o seu sentido na experiência da proximidade de Deus. Sensibilizar para a aceitação do crescimento humano como interiorização da dignidade humana, na realização pessoal e na aspiração ética a uma vida realizada. Além disso, é fundamental valorizar o percurso da vida humana como realização do mistério da simplicidade e grandeza a que o ser humano é convocado por Deus, no dom gratuito de si, na comunhão plena que une toda a humanidade.

Apesar de sabermos que Deus estará sempre para além daquilo que possamos perceber Dele, Ele é Aquele Mistério que nos envolve e que nos leva a querer navegar no abismo incomensurável da Sua Misericórdia e da Sua Onnipotência, para podermos encontrar o sentido da nossa existência. São particularmente elucidativas as palavras do Papa Francisco, na sua encíclica *Lumen Fidei*: “Quando o Homem pensa que, afastando-se de Deus, encontrar-se-á a si mesmo, a sua existência fracassa”⁹.

Em suma, “a necessidade de Deus é a maior necessidade da nossa época. Está em jogo a sobrevivência da humanidade e o seu sentido”¹⁰.

⁷ AA. VV., *Horizontes de Esperança, Manual do Aluno ...*, 51.

⁸ Deolinda SERRALHEIRO, *O acto educativo religioso e moral*, Edição do Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1993, 51.

⁹ PAPA FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de junho de 2013) in AAS 113, 5 (2013) n.º 19.

¹⁰ Roger GARAUGY, “Será que precisamos de Deus?” in *Horizontes de Esperança, Manual do Aluno 9º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição Fundação do Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2010¹, 61.

2. Educar: o que é?

O termo educação tem origem no termo latino *ducere*¹¹, que significa conduzir para fora. Outros defendem a sua origem no termo *e-ducare* que significa, literalmente, conduzir ou trazer à luz algo que está apenas potencialmente presente. Tendo em conta estas duas raízes etimológicas podemos dizer que educar significa ajudar as crianças, os adolescentes e os jovens a realizar as suas potencialidades. Deste modo, a educação é uma ação reguladora e estimuladora do processo de desenvolvimento humano e da personalidade humana. “A educação é uma tarefa fundamental da sociedade. Dela depende, decisivamente, o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, dos adolescentes e dos jovens, e a qualidade do progresso da sociedade”¹².

Com a proclamação, em 1948, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Organização das Nações Unidas (ONU) consagra, no artigo 26.º, a educação como um direito de todos e de cada um. O documento não se limita a proclamar a educação como direito universal, mas sim proporcionar a todo o ser humano uma educação que vise o desenvolvimento pleno da personalidade e o reforço dos direitos do ser humano.

“A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz”¹³.

Neste sentido, a educação do ser humano deve estruturar-se em compromissos, inter-relações, iniciativas e integrações que o valorizem como cidadão. A cultura cívica propõe educar para o sentido de pertença ativa e interventiva da comunidade social, para o espírito de iniciativa, para a largueza da solidariedade, para a convivência cívica, favorecendo a realização do ser humano. A educação é resposta à vocação do homem, “vocação ontológica e histórica de humanizar-se na busca de si e na ação criadora, de ser mais”¹⁴.

O objetivo da educação é revelar ao ser humano a sua qualidade de humano, “ensiná-lo a participar na construção da humanidade, incitá-lo a tornar-se o seu próprio criador: sair de

¹¹ António FERREIRA, *Dicionário de Latim-Português*, Porto Editora, Porto, 1983, 404.

¹² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade” in *Pastoral Catequética*, nº5, 2006, n.º1.

¹³ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Artigo 26º, n.º2. Documento consultado no site da Organização das Nações Unidas (www.ohchr.org), em 5 de Março de 2015.

¹⁴ Paulo FREIRE, *A Pedagogia do Oprimido*, Paz e Terra, S. Paulo, 2003³⁶, 72.

si mesmo para poder ser sujeito do percurso e não objeto submisso”¹⁵. Educar é, por isso, incentivar o aluno a aprender a construir por si próprio o seu pensamento, de forma autónoma e refletida, a buscar os princípios que fundamentam as suas escolhas e as suas opções de vida. É induzir o aluno a incorporar a liberdade como valor mútuo e recíproco na sua personalidade, nas relações pessoais e no ambiente de vivência e aprendizagem da comunidade educativa. “A educação parte do Homem como sujeito em permanente busca de “si mesmo” em comunhão com os outros, na relação estreita de busca e comunhão”¹⁶.

Quando falamos em educação é importante acentuarmos a educação para os valores, como forma de orientação do aluno para a sua valorização pessoal, quer como pessoa, quer como membro de uma comunidade. É necessário motivar os alunos para a vivência de atitudes que se conformem aos valores, de modo a estabelecer uma relação coerente entre o ser e o agir, entre o pensar e o escolher, entre o decidir e o atuar. Os valores assumem um papel fundamental no equilíbrio da personalidade, ajudam e norteiam a vida do ser humano, servindo de critério para as suas escolhas e decisões. A existência de falhas nesta base abre caminho a riscos de fratura ou desequilíbrio.

Desta forma, a escola deve ser lugar de crescimento pessoal através da formação integral dos alunos, pois “a educação autêntica é a educação integral da pessoa. Isto exige promoção dos valores espirituais, estruturação hierárquica de saberes e valores, integração do saber científico-tecnológico num saber cultural mais vasto, mais abrangente e mais englobante”¹⁷.

Defender uma educação integral, é defender uma educação que pense o ser humano por inteiro, em todas as dimensões. É, ainda, pensar uma educação que discuta e construa valores, cidadania, ética, na valorização e fortalecimento da identidade étnica, religiosa, cultural, local, de género, valores estes essenciais para a construção de uma sociedade sustentável, com justiça social.

No entanto, há quem continue a defender uma educação exclusiva da aquisição de conhecimentos, desvalorizando a assimilação de valores para o enriquecimento pessoal de cada aluno. “Num mundo cada vez mais aberto a todas as ideologias, os professores arriscam-se a já não ousarem transmitir escalas de valores, a já não ajudarem os jovens a adquirir uma

¹⁵ Albert JACQUARDT, *A herança da liberdade*, Martins Fontes, Lisboa, 1988, 50.

¹⁶ Paulo FREIRE, “A Educação e o Processo de Mudança Social”, in *Educação e Mudança*, Paz e Terra, S. Paulo 1988¹⁴, 27-28.

¹⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal - Educação integral da pessoa humana*, Carta Pastoral 3, 2008, nº 5.

convicção interiorizada e uma espinha dorsal ética. É preciso sublinhar fortemente que uma educação neutra nunca existiu e não existirá no futuro”¹⁸.

3. A disciplina de EMRC na escola

No âmbito do Ensino Religioso Escolar, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), ocupa um lugar fundamental no sistema educativo. De facto, se tomarmos como referência a Declaração sobre a Educação Cristã, *Gravissimum Educationis*, do Concílio Vaticano II encontramos, em primeiro lugar, o direito decorrente da condição de cristão: “Todos os cristãos, uma vez que, mediante a regeneração pela água e pelo Espírito Santo, se tornaram novas criaturas, se chamam filhos de Deus e são-no, de facto, têm o direito à educação cristã”¹⁹.

Por outro lado, a Conferência Episcopal Portuguesa sublinha que a sociedade e a escola necessitam de valores hierarquizados que pautem a vida e que haja uma procura de religiosidade e transcendência, sem os quais a vida perde o horizonte e a sociedade se torna vazia de sentido. Se definirmos educação como “processo de construção da identidade de uma pessoa humana”²⁰, podemos afirmar com clareza que “a educação é o percurso da personalização e não apenas da socialização e da formação para a cidadania. A educação autêntica é a educação integral da pessoa”²¹.

A EMRC tem um papel muito importante para o desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens, “parte do reconhecimento da componente religiosa como fator insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade”²². Parte integrante do sistema educativo em Portugal, a EMRC legitimada pelo artigo 19º da Concordata de 2004, entre a Santa Sé e a República Portuguesa²³, proporciona às pessoas a visão cristã do mundo, do ser humano e de Deus²⁴.

Neste sentido, a EMRC ajuda os alunos a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e a construírem, progressivamente, o projeto pessoal de vida. E, na medida em que a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana, “não haverá educação integral, se a

¹⁸ Jan KERKHOFS, “Perspetivas ou tendências da educação na Europa” in AA. VV., *VIII Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1998, 80.

¹⁹ PAULO VI, Declaração *Gravissimum Educationis*, n.º 2.

²⁰ João DUQUE, “Sobre a Educação Integral do Ser Humano” in *Pastoral Catequética*, n.º 26, 2013, n.º 1.

²¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal - Educação integral da pessoa humana*, Carta Pastoral 3, 2008, n.º 5.

²² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade” in *Pastoral Catequética*, n.º5, 2006, n.º6.

²³ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso...”, n.º 1.

²⁴ *Ibidem*, n.º 28.

mesma não for tomada em consideração”²⁵. Na verdade, será difícil compreender verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso.

EMRC tem um alcance cultural e um “claro valor educativo”, pois orienta-se para “formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”²⁶.

Situada na escola, a EMRC é oferecida a todos os alunos, independentemente da diversidade de crenças e opções religiosas. Esta diversidade corresponde ao apoio solicitado das famílias: “se umas desejam que a componente religiosa integre a formação dos seus filhos, há outras que se interessem somente pela sua informação e formação moral e cultural”²⁷.

“A EMRC, enquanto consideração séria e organizada do facto religioso, longe de contradizer as tarefas da instituição escolar, constitui um elemento integrante e responde plenamente à finalidade da escola que quer ser educativa numa sociedade pluralista e democrática”²⁸.

Os pais como os primeiros educadores devem estar conscientes da importância e contributo da dimensão religiosa para a educação integral dos alunos e, desta forma, responsabilizarem-se pela inscrição na disciplina²⁹. Assim, “a EMRC deve assumir plenamente as exigências e o carácter próprio da realidade escolar - seriedade dos programas, qualidade científica, participação no projeto educativo e didático da escola, medidas de avaliação, qualificação adequada aos professores”³⁰.

A escola entendida como um lugar de aprendizagem e de convivência social deve transmitir o património científico, cultural, ético, estético e artístico, com vista à aquisição e desenvolvimento de competências. Deste modo, a EMRC interessa à escola, sobretudo, à escola estatal. “É um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e de abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir”³¹.

²⁵ *Ibidem*, n.º 6.

²⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso...”, n.º6.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ Deolinda SERRALHEIRO, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, Editora Rei dos Livros, 1990, 25.

²⁹ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso...”, n.º7.

³⁰ Deolinda SERRALHEIRO, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa...*, 25.

³¹ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso...”, n.º9.

4. O perfil do professor de EMRC

“É bela, portanto, e de grande responsabilidade, a vocação de todos aqueles que, ajudando os pais no cumprimento do seu dever e fazendo as vezes da comunidade humana, têm o dever de educar nas escolas. Esta vocação exige especiais qualidades de inteligência e coração, numa preparação esmeradíssima e uma vontade sempre pronta à renovação e adaptação”³².

O perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica integra características exigidas a qualquer outro docente e aspetos específicos que decorrem da identidade da disciplina de EMRC. Segundo a Conferência Episcopal Portuguesa os professores de EMRC devem ter “o jeito e o gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente, a disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino”³³.

A este propósito podemos ainda referir os traços fundamentais que D. Tomás Silva Nunes aponta para definir o perfil do professor de EMRC:

1º - *personalidade humana*: equilíbrio humano, maturidade, facilidade de estabelecer relações interpessoais, postura cívica e ética;

2º - *personalidade docente*: propensão para a educação e o ensino, aptidão científica e profissional, compromisso na aquisição de formação permanente, diálogo com as famílias e com comunidade envolvente;

3º - *personalidade crente*: fé comprometida, testemunho de coerência e integridade de vida, clareza e objetividade na transmissão da fé e da doutrina da Igreja, capacidade para criar nos alunos abertura à dimensão religiosa e à busca de opções pessoais, capacidade para ajudar a amadurecer nos alunos as interrogações de sentido para a vida.³⁴

O professor de EMRC, à semelhança dos outros professores, deve manter-se informado, atualizando continuamente os seus conhecimentos. “Compete aos responsáveis pela coordenação da EMRC, sobretudo no plano diocesano, acompanhar e apoiar os professores, promover a sua formação permanente e proceder à avaliação da qualidade da atividade docente”³⁵. Sendo a educação, pela sua natureza, um processo inacabado, suscetível de revisões, ajustamentos e inovações é necessário educar para a criatividade, para o discernimento e sobretudo para aceitar que é preciso aprender ao longo de toda a vida.

³² PAULO VI, Declaração *Gravissimum Educationis*, n.º 5.

³³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso...”, n.º 5.

³⁴ Cf. D. TOMAZ NUNES, “O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição do Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2005, n.º 87.

³⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso...”, n.º 5.

É fundamental que o professor esteja também informado dos programas, pois cabe-lhe a tarefa de estimular, cativar, transmitir valores essenciais e desenvolver o espírito crítico. “A verdadeira educação não só consiste em ensinar a pensar mas também em aprender a *pensar sobre o que se pensa* e este momento reflexivo - que com maior nitidez marca o nosso salto evolutivo relativamente a outras espécies - exige constatar a nossa pertença a uma comunidade de criaturas pensantes”³⁶.

O papel do docente de EMRC constitui simultaneamente uma atividade de grande responsabilidade, tanto no que se refere aos alunos como em relação à comunidade escolar. Em relação à comunidade escolar, destaca-se o desempenho das suas funções, enquanto testemunho de profissionalismo, de disponibilidade nas atividades escolares, assim como o contributo de resolução de problemas relacionados com os alunos que frequentam a escola.

Consciente da sua missão específica o professor de EMRC não pode deixar de lado a motivação e o gosto pessoal no exercício da sua atividade. “Deve sentir-se responsável pelo empenho no progresso da sua própria qualificação, no aperfeiçoamento do seu ensino, na coerência do testemunho cristão e na fidelidade à Igreja. Ao serviço da educação integral dos alunos”³⁷. O professor de EMRC deve assumir-se como profissional de educação, com a função específica de ensinar.

5. Síntese

Como vimos, a educação tem um papel imperativo na sociedade dado que é através dela que ocorre o desenvolvimento harmonioso e integral do ser humano, contribuindo assim para a qualidade e para o progresso da sociedade.

A sociedade complexa que integramos, necessita do respeito pelo pluralismo e da preservação de espaços de afirmação de uma espiritualidade religiosa, pois “somos chamados a inserir a educação do fenómeno religioso como fator de enriquecimento da escola e da sociedade e como fator de conhecimento, de integração, coesão e de democracia. A sociedade humana precisa de entender o fenómeno religioso nos dias de hoje, a partir das suas raízes e origens”³⁸.

Neste sentido, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica assume, no plano curricular, um lugar muito importante, uma vez que proporciona aos alunos o conhecimento das culturas e tradições religiosas, fomentando, a noção de que todos os seres humanos são

³⁶ Fernando SAVATER, *O Valor de Educar*, Editorial Presença, Lisboa, 1997, 30.

³⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso...”, n.º 5.

³⁸ Guilherme MARTINS, “O conhecimento do fenómeno religioso” in *Pastoral Catequética*, n.º 5, 2006, nº 10.

irmãos e que todos têm os mesmos direitos, respeitando o desenvolvimento de crenças e valores em cada criança, adolescente ou jovem. Assim, o aluno compreende e toma conhecimento da dimensão religiosa formando-se um cidadão livre de escolha e mais instruído, propiciando deste modo a humanização na procura por si mesmo e pelo seu lugar no mundo.

Em suma, a disciplina de EMRC deve apresentar o mesmo rigor, seriedade e profundidade face às demais disciplinas que fazem parte da aprendizagem dos alunos.

CAPITULO II - DEUS, O GRANDE MISTÉRIO

A procura do sentido da vida, o questionamento sobre si mesmo, acaba por colocar o ser humano perante a *questão de Deus*. Trata-se de uma questão humana fundamental, uma realidade universal, que nos interpela, fascina, deslumbra e atrai.

O desejo inato de compreender a realidade leva o ser humano à procura do Transcendente, da Divindade, do Sagrado face à inexistência de respostas que satisfaçam os seus anseios mais profundos. “São cada vez mais as pessoas, sobretudo os jovens, que sentem a necessidade de entrar em contacto com o *mistério* para lá daquilo que se vê, ouve, cheira, saboreia, toca ou pensa. Alguns sentem, simplesmente, fome de espiritualidade como um anseio por Deus”³⁹.

1. A dimensão da questão

Afinal, “o que quer dizer ‘Deus?’”⁴⁰. É natural que, noutras épocas, esta pergunta tenha recebido uma resposta clara e inquestionável, mas hoje, dadas as diversas circunstâncias e o contexto atual, ela vem acompanhada de uma série de interrogações novas.⁴¹ Na verdade, muitos continuam a “crer no Deus da sua tradição religiosa, para outros esse Deus tornou-se objeto de questionamento e, para muitos, mesmo de negação ou de rejeição”⁴².

Apesar do grito da morte de Deus ainda ressoar por toda a parte, anunciada pelas grandes figuras da filosofia (Feuerbach, Marx, Nietzsche, Freud e outros)⁴³ que colocaram Deus sobre suspeita, questionando a sua existência, a sua essência e a sua relação com o mundo, a questão de Deus, mesmo assim, levanta-se com toda a força no nosso meio e “experimenta atualmente uma surpreendente renovação”⁴⁴.

Se tivermos em conta as três formas que a história humana seguiu no que diz respeito à questão de Deus: o monoteísmo, o politeísmo e o ateísmo, verificamos que o próprio ateísmo “só na aparência encerra o tema de Deus, porque (...) também ele é uma forma de o ser humano encarar esta questão, uma forma que, aliás pode vir a manifestar-se – e muitas vezes fá-lo efetivamente – acompanhada de uma especial paixão”⁴⁵.

³⁹ Albert NOLAN, *Jesus hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical*, Paulinas, Prior Velho, 2008, 33.

⁴⁰ Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, Principia, Cascais, 2005, 73.

⁴¹ Cf. Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, Principia, Cascais, 2005, 73.

⁴² Jorge COUTINHO, *Caminhos da razão no horizonte de Deus, sobre as razões de crer*, Edições Tenacitas, Coimbra, 2010, 57.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ Walter KASPER, *El Dios de JesuCristo*, Ediciones Sígueme, Salamaca, 2011, 24.

⁴⁵ Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo...*, 74.

De facto, o ser humano sem Deus sente um vazio tão grande que procura preenchê-lo de alguma forma. Por isso, está na hora de deixar de ver em Deus o “tapa-buracos” ou “salvas-vidas” a quem se recorre em momentos de aflição ou nas dificuldades sem solução aparente. O ser humano deverá encontrar “Deus não no lugar das dificuldades da vida e do nosso fracasso, mas no meio da plenitude das coisas terrenas e da vida”⁴⁶. Só assim será possível mostrar que Deus não é uma escapatória nascida das nossas necessidades.

“Tanto as misérias da vida humana como a sua plenitude remetem para Deus. Sempre que experimentaram a existência nas suas plenitude, riqueza, beleza e grandeza, os Homens deram-se conta de que essa era uma existência pela qual deviam estar agradecidos, pois, nas suas claridade e grandeza, ela não é uma existência que o ser humano dê a si mesmo, surgindo antes como uma dádiva que se lhe adianta, que o recebe com a sua bondade antes de qualquer iniciativa sua e exige que ele *dê* sentido a tamanha riqueza para poder, ele próprio, ganhar sentido”⁴⁷.

O ser humano deu-se conta que não consegue satisfazer-se consigo mesmo, que não se basta a si próprio; “só consegue encontrar-se passando para além de si mesmo, ao encontro do totalmente outro e infinitamente maior”⁴⁸.

No momento em que o ser humano experimenta a solidão percebe que a sua existência está voltada para um *tu* e que não foi feito para se encerrar em si mesmo. Num primeiro momento, esta solidão parece ser vencida pelo encontro com um *tu* humano. Mas, este encontro não é capaz de vencer a solidão última, o anseio pelo *tu* absoluto que entra nas profundezas do próprio *eu*.⁴⁹

Isto leva-nos a uma introspeção profunda. Quando reconhecemos que Deus é totalmente o Outro que não conhecemos, mas que queremos conhecer, partimos à descoberta e aprofundamento do seu Mistério, sabendo previamente que Deus estará para além de tudo o que poderemos conhecer dele. Mas, “o que importa não é até que ponto eu conheço Deus, ou se poderei saber alguma coisa acerca dele. O que importa é se Deus é real para mim ou não. Um mistério pode ser mais real para mim do que qualquer uma das coisas ou das pessoas que eu julgo conhecer bem”⁵⁰.

⁴⁶ Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, Principia, Cascais, 2005, 74

⁴⁷ *Ibidem*, 75.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ Albert NOLAN, *Jesus hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical*, Paulinas, Prior Velho, 2008, 198.

O Deus que dá a si mesmo um nome ao revelar-se “não exprime a sua natureza interna, mas quer tornar-se nominável, expondo-se aos seres humanos, para que estes possam chamá-l’O”⁵¹. Assim, Deus quer entrar em relação, quer revelar-se ao ser humano. E a Sua revelação total acontece em Jesus Cristo, o revelador que proclama a boa nova do Reino, uma convicção de que Deus não está afastado de nós. Para Jesus, Ele é um Deus bom que se torna presente no amor e na salvação oferecida a todas as pessoas.

Deste modo, “o mistério está muito próximo de nós. Nele vivemos, nos movemos e existimos. A nossa experiência de Deus começa como uma experiência de encanto e deslumbramento frente à presença do mistério, aqui e agora, em tudo – inclusive em nós mesmos”⁵².

2. Experiência de Deus

A experiência “percebe-se sempre como algo próximo e comum na vida de todos os Homens, uma realidade familiar e próxima, mas ao mesmo tempo torna-se difícil encontrar uma formulação precisa e suficientemente englobante”⁵³. Talvez por essa razão, Hans-Georg Gadamer começou as suas influentes considerações sobre o conceito, com a observação de que a experiência “pertence aos conceitos menos esclarecidos que possuímos”⁵⁴.

A resposta à pergunta pela experiência não pode ser outra senão a própria experiência. “A ideia ou noção de experiência nunca pode igualar a experiência real que se apresenta como realidade distinta dos conceitos”⁵⁵. Nenhuma explicação da experiência pode refletir a intensidade ou a profundidade que esta produz no sujeito. Mas, é possível analisar a experiência tendo em conta elementos particulares que a integram, ou seja, analisar o efeito que produz na vida das pessoas e na relação com os outros.

2.1. Será possível a experiência de Deus?

“Deus está aqui e eu não o sabia” (Gn 28,16)

Será possível a experiência de Deus aqui e agora nestes tempos de crises generalizadas, do crescimento da descrença sobre as formas do agnosticismo e da indiferença?

⁵¹ Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo...*, 96.

⁵² Albert NOLAN, *Jesus hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical*, Paulinas, Prior Velho, 2008, 200.

⁵³ Juan ALONSO GARCÍA, *Fe y experiencia cristiana: La Teología de Jean Mouroux*, Universiade de Navarra, Pamplona, 2002, 233.

⁵⁴ Cf. Hans-Georg GADAMER, *Verdad y método*, Sigueme, Salamanca, 1979, 40.

⁵⁵ César IZQUIERDO, *Creo, Cremos ¿Qué es la fe?*, Rialp, Madrid, 2008, 161.

Nestes tempos de efervescência religiosa em forma de novos movimentos que rompem com as religiões tradicionais? É possível uma experiência de Deus nas nossas sociedades avançadas, nas nossas culturas secularizadas? E se é possível, que forma adquirirá a experiência religiosa, a experiência de Deus nestas circunstâncias aparentemente tão pouco favoráveis?⁵⁶

É evidente que, culturalmente, “vivemos numa situação em que o – *Deus está aqui* – de outros tempos deu lugar – *onde estás tu Deus?* – dos nossos contemporâneos, que com frequência se converte também para os crentes em – *onde está o nosso Deus?*”⁵⁷.

A própria secularização da cultura termina com frequência na secularização das consciências. O ser humano termina por fazer-se surdo ao chamamento religioso, instalar-se na completa indiferença e declarar-se “sem notícias de Deus”. Aquele que na antiguidade, e mais propriamente na época medieval, era o – lugar de Deus – torna-se na época moderna o – lugar do Homem – que reivindica para si os dois atributos tradicionais de Deus, a onisciência (daí uma apresentação da cultura moderna como cientista: nada, em direito, escapa à ciência) e a onipotência (daí a insistência na dimensão técnica da nossa cultura).⁵⁸

No entanto, o silêncio de Deus tem adquirido nos últimos tempos uma nova forma. A secularização e a incredulidade da cultura de massas passaram do – *Deus está aqui* – ao – *onde estás tu Deus?* – devido à consciencialização da sua ausência, refletida no mal, em todas as suas formas e no escândalo do sofrimento que provoca uma nova consciência de ausência que poderia formular-se em questões como “porque é que Deus, que o queria ter evitado, o permitiu?”⁵⁹.

Na verdade, tudo o que Deus faz, “podemos seguramente presumir, fá-lo por um amor sem limites. Mas o amor quer sempre a liberdade do amado. O amor divino anseia portanto que toda a criação seja, e se torne cada vez mais, *outra*”⁶⁰. E o amor tem sempre necessidade de um *outro*. Assim sendo, um criador que pretenda formar algo distinto e não uma extensão de si mesmo dará independência à sua criação e só correndo este risco a poderá amar verdadeiramente.⁶¹

Todavia, hoje reconhecemos que não faltam factos para negar Deus quando nos deparamos com a injustiça atroz na qual assenta o nosso mundo dividido. Este facto oculta Deus para os que suportam esta injustiça, porque dificilmente podem confiar na sua natureza,

⁵⁶ Cf. Juan MARTÍN VELASCO, *La experiencia Cristiana de Dios*, Editorial Trotta, Madrid, 1973, 19.

⁵⁷ *Ibidem*, 21.

⁵⁸ Cf. Alain RENAULT, *A era do indivíduo*, Instituto Piaget, Lisboa, 1989, 29.

⁵⁹ Jorge COUTINHO, *Caminhos da razão no horizonte de Deus, sobre as razões de crer...*, 169.

⁶⁰ John HAUGHT, *Cristianismo e Evolucionismo*, Gradiva, Lisboa, 2009, 195.

⁶¹ *Ibidem*.

quando sofrem no próprio corpo as consequências da violência, da opressão da injustiça.⁶² Será possível que, rodeados desta ausência de Deus por todas as partes, podemos nós dizer, os homens e mulheres do nosso tempo: “Deus está aqui e eu não o sabia?” (Gn 28,16).

Para respondermos a esta questão é necessário percorrermos dois caminhos: o primeiro consiste em descobrir a presença de Deus nos aspetos da nossa situação, nos elementos da nossa cultura aparentemente dominada pela descrença. Este transporta-nos para o segundo: tomar consciência de toda a possível experiência de Deus.

Apesar da secularização da sociedade e da cultura ter eliminado determinadas formas da presença da religião no nosso mundo, não conseguiu eliminar todas as formas da Presença que origina a vida religiosa⁶³. Hoje estamos na disposição de reconhecer a coerência dos valores (afirmação da dignidade da pessoa; o reconhecimento dos direitos fundamentais; o aparecimento da igualdade e da liberdade) como o melhor das tradições religiosas, e começamos a descobrir que, sem se afirmarem com referência ao religioso, “põe o Homem moderno em contacto com o Absoluto que pode não ser mais que outro nome para aquele a quem o sujeito religioso reconhece como Deus”⁶⁴.

Na verdade, estamos dotados da presença de Deus, isto é, intuitivamente o ser humano tende para Deus e busca a sua existência. Mas nem sempre nos dispomos a perceber esta presença. “Perto de ti está a palavra, na tua boca e em teu coração” (Rm 10,8); “Deus não esta longe de cada um de nós” (Act 17,27). Esta ideia está presente nas palavras de Hans Urs van Balthasar: “o homem é um ser criado como ouvinte da palavra e a sua inteligência está dotada com uma luz própria exatamente adequada para o que necessita, para escutar Deus que fala. O homem é um ser com um mistério no coração, que é maior que ele mesmo”⁶⁵.

Para que ocorra o encontro com Deus supõe-se uma existência que caminha para esse centro, que não se deixa afetar pelas vozes exteriores, mas que assume a sua singularidade. Por outras palavras, o encontro com a Presença original é possível se a pessoa passar da dispersão à concentração, da superficialidade à profundidade da multiplicidade à unificação. Em termos bíblicos, “a experiência de Deus tem lugar no coração, ou seja, no centro da pessoa humana”⁶⁶.

Portanto, o redescobrimiento da presença de Deus exige do ser humano concentração, liberdade interior, criatividade e “conversão” da existência, pela rutura com a tendência natural para o visível, tratando-se de “uma viragem do ser, e só quem se volta pode recebê-

⁶² Cf. Juan VELASCO, *La experiencia Cristiana de Dios...*, 22.

⁶³ Cf. Juan VELASCO, *La experiencia Cristiana de Dios...*, 23.

⁶⁴ *Ibidem*, 22.

⁶⁵ Hans Urs Von BALTHASAR, *La oración contemplativa*, Encuentro: Madrid, 1985, 16.

⁶⁶ Walter KASPER, *El Dios de JesuCristo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2011, 24.

la”⁶⁷. Necessitamos de um período de reabilitação para o espiritual, ou seja, reabilitação para o exercício de dimensões que a cultura científico-técnica em que vivemos nos atrofia porque criou um clima espiritual em que o seu exercício é bastante difícil.

Na verdade, não é fácil descobrir os passos, as etapas e as modalidades do exercício dos preâmbulos existenciais da experiência religiosa. Mas, sabemos que o fundamental é a atitude de reconhecimento desta Presença original, o consentimento à sua chamada, porque sem este reconhecimento fundamental não se dá nenhuma experiência religiosa.⁶⁸

A experiência de Deus não é outra coisa que uma forma peculiar da experiência da fé que “supõe o conhecimento e experiência do mistério divino”⁶⁹. Neste sentido, mediante a fé conhecemos o Mistério de Deus, mas esse conhecimento não pode ser simplesmente a afirmação de algo que existe em si mesmo, nem uma imposição aleatória ou estranha para o ser humano. “O conhecimento do mistério através da fé leva-nos necessariamente a experimentá-lo, ou seja, a vê-lo e a senti-lo, na medida em que é dado por Deus”⁷⁰.

Acerca da experiência da fé, Hans Küng afirma que esta se trata de “um ato de confiança incondicional, pelo qual o Homem inteiro, com todas as forças do seu espírito consente e adere à mensagem cristã e àquele que ela anuncia”⁷¹. Assim, na experiência de Deus ainda que intervenham as diferentes faculdades humanas: consciência e sentimento, o verdadeiro sujeito dessas experiências é o Homem todo, o centro da pessoa.

2.2. *Formas e lugares para a experiência de Deus*

“Onde está o teu Deus?” (Sl 42,11)

Situados no interior do vasto mundo das experiências religiosas, perguntamo-nos pelos critérios de que se servem os próprios sujeitos para discernir as experiências autênticas das que, eles mesmos, consideram inautênticas ou enganosas. O facto das instituições religiosas poderem ter perdido o seu poder e influência, as crenças e práticas religiosas, antigas e novas, não diminuíram, pelo contrário, aparecem sobre outras formas com grandes manifestações e fervor.⁷²

⁶⁷ Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo...*, 75.

⁶⁸ Cf. Juan VELASCO, *La experiencia Cristiana de Dios...*, 35.

⁶⁹ José MORALES, *La experiencia de Dios*, Rialp, Madrid, 2007, 162.

⁷⁰ *Ibidem*.

⁷¹ Hans KÜNG, *Être chrétien*, trad. Henri Rochais e André Metzger, Paris, Éditions du Seuil, 1978, 178, citado em Domingos TERRA, “A decisão da fé na cultura das preferências individuais” in *Didaskalia* 36/1 (2006), 185.

⁷² Cf. Isabel VARANDA, “Animismo, teocracia, democracia: o processo de ‘desencantamento do mundo’ como referencial ambíguo da modernidade” in *Didaskalia* 38:2 (2008), 515.

No fundo, “os cidadãos do mundo continuam, no quotidiano, a reinventar laços metafísicos”⁷³. Perante isto, o sujeito da experiência é obrigado a percorrer três caminhos: apropriação, interiorização e identificação da realidade. Esta experiência concretiza-se na medida em que o sujeito não se deixa influenciar pelos conceitos da sua razão, pelas representações da imaginação e pelos dados dos sentidos.

Nesta situação o sujeito tende a questionar-se quanto à veracidade da experiência, isto é, se é real ou fruto da sua própria necessidade.⁷⁴ Tal ocorre principalmente em pessoas com insuficiente formação teológica, promovendo lacunas quanto à interpretação e identificação das experiências.

Para dar resposta aos aspetos subjetivos experimentados pelo sujeito, “os autores espirituais elaboraram uma serie de critérios que permitem clarificar a natureza e o valor das experiências religiosas na qual o sujeito intervém”⁷⁵. Deste modo, após este processo, o indivíduo deve sentir a Presença invisível de tal forma que haja a percepção de que esta certeza não pode ser sua, isto é, o sujeito em qualquer época correrá “o risco de aceitar como verdadeira realidade e verdadeiro fundamento aquilo que é invisível por natureza”⁷⁶.

A forma da experiência de Deus não é mais que a vivência, através de todas as faculdades, da opção total, sendo que esta consiste nesse descentramento que é a atitude teologal cristãmente descrita como fé-esperança-amor. Daí que um sinal inequívoco da existência de uma experiência verdadeira seja a presença do amor.

Relativamente ao lugar onde esta experiência ocorre, é um facto que a oração se destaca como um lugar privilegiado para a experiência de Deus. “Na oração, por exemplo, nos encontramos com Ele como sujeito absoluto e indispensável à nossa simples vontade”⁷⁷.

A oração é o centro, a alma, o coração da religião. No entanto, é verdade que os atos concretos são indispensáveis para que se possa viver uma opção e atitude radical. “Daí a importância da oração – expressamente cultivada – para o exercício efetivo da experiência de Deus”⁷⁸.

É verdade que a experiência pode e deve dar-se também por outros meios, mas para que surja essa possibilidade, o ser humano necessita de exercitar as suas faculdades: mente, vontade e afeto, que têm na oração um lugar habitual e originário. Neste contexto, o catecismo da Igreja Católica expõe sinteticamente a intervenção das faculdades do ser

⁷³ *Ibidem.*

⁷⁴ Cf. Juan VELASCO, *La experiencia Cristiana de Dios...*, 60.

⁷⁵ *Ibidem.*

⁷⁶ Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo...*, 36.

⁷⁷ José MORALES, *La experiencia de Dios...*, 24.

⁷⁸ Juan VELASCO, *La experiencia Cristiana de Dios...*, 67.

humano no ato de fé ao afirmar, no n.º 176: “A fé é uma adesão pessoal, do homem todo, a Deus que se revela. Comporta uma adesão da inteligência e da vontade à Revelação que Deus fez de Si mesmo, por suas acções e palavras”.

Na situação cultural, como já referimos, a secularização da sociedade e da cultura levou muitas pessoas a interpretar a sua própria vida sem referência à religião, porque esta passou do ambiente público para o privado, acontecendo o fenómeno designado “privatização da religião”⁷⁹ onde “os espaços públicos foram supostamente esvaziados de Deus ou de qualquer referência a uma realidade derradeira”⁸⁰.

Contudo, acontece uma situação nova em relação com a experiência de Deus. O ser humano não se compreende sem a abertura e referência ao infinito, e esta referência não falta só pelo facto de não ser identificada.⁸¹ Quando o ser humano se depara com os valores da dignidade ou enfrenta acções que se impõe para viver de forma digna, estas situações realizam no ser humano um ato de transcendência e levam-no a reconhecer o bem que a realidade absoluta lhe impõe.

Assim sendo, o ser humano secularizado, através destas experiências pode estar a caminhar para o absoluto a quem o Homem religioso chama Deus.

2.3. *A experiência cristã de Deus*

“Eles alegraram-se muito por verem o Senhor” (Jo 20,20)

Depois de termos visto os aspetos que a experiência cristã compartilha com a experiência de Deus, referimos agora alguns exemplos concretos da própria experiência de Deus realizada no seio da tradição cristã.⁸²

Na origem mais remota há uma expectativa, presente em toda a história de Israel, partilhada pela humanidade ao longo de toda a sua história. O destino de Israel está ligado à vontade de Deus, historicamente expressa e fundada no evento da libertação. É a experiência da humanidade que deseja e anseia uma vida melhor, que aspira a uma plenitude que o mundo lhe nega. Este anseio está presente no interior de todo o ser humano e manifesta-se em todas as religiões.

Deus ouviu os gemidos dos filhos de Israel e recordou-se da sua aliança, assim resgatou o povo da opressão física e moral. Esta esperança percorre toda a história do

⁷⁹ Cf. Charles TAYLOR, *A Era Secular*, Unisinos, São Leopoldo, 2010, 14.

⁸⁰ *Ibidem*.

⁸¹ Cf. Juan VELASCO, *La experiencia Cristiana de Dios...*, 72.

⁸² *Ibidem*, 75.

pequeno povo de Israel. A eleição de Israel é um caso único de um povo que faz uma aliança com um Deus único. O povo de Israel vive literalmente à espera do Messias, o salvador da parte de Deus.

Neste contexto aparece Jesus de Nazaré, um personagem suficientemente conhecido sem lugar para dúvidas que existiu realmente. No Novo Testamento há um acontecimento muito importante: “Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constitui herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo” (Hb 1,1,2). “Ele é mais que um profeta e um mestre, pois é o Filho que revela o Pai”⁸³.

Mas quem é este Jesus? Como se apresenta? Jesus aparece e a sua vida causa alguma admiração e ao mesmo tempo interrogação: vai ao encontro das ovelhas perdidas da casa de Israel (Mc 6,34); dirige a sua atenção aos pobres (Mc 12,43), aos cegos (Mc 10,51), aos leprosos (Mc 1,40), aos pecadores, aos cobradores de impostos, às mulheres, inclusive às mais marginalizadas (Mc 14,3).

Afinal quem é este homem? Jesus aparece a pregar e ensinar, isto é, a proclamar o Evangelho (a boa notícia): “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho” (Mc 1,15). Uma originalidade evidente da pregação de Jesus ao falar de Deus e do Reino. “É característico de Jesus terreno que fala e trabalha como alguém que está em lugar de Deus”⁸⁴. Ele prega a Boa Nova do Reino e a conversão como meio para entrar nele. Não só o prega, mas é apresentado como inauguração em pessoa do Reino.⁸⁵

Através da originalidade da pregação de Jesus ao falar do Reino de Deus, percebemos a conceção de Deus no Antigo Testamento. Deus está aqui e atua em nosso favor, salvando o ser humano. Surge então uma sociedade nova, constituída segundo a vontade do Pai, que confia na sua bondade, que acolhe e aceita viver de acordo com novos valores.

É um facto, que a história de Jesus poderia ter terminado na Cruz. Quando Jesus estava na Cruz, o povo dizia: “Salvou os outros; salve-se a si mesmo, se é o Messias de Deus, o Eleito”; “Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!” (Lc 23, 35-37).

Mas, neste momento intervém um novo acontecimento. Depois da morte de Jesus encontramos os discípulos reunidos em Jerusalém a anunciar que o Jesus morto agora está vivo. Eles testemunham toda a sua obra e a sua ressurreição como facto essencial. “A ressurreição de Jesus não é o regresso de um cadáver à vida, mas a plena participação na vida

⁸³ António COUTO, “Deus-Pai no Antigo Testamento, nos escritos judaicos antigos e no Novo Testamento, in *Como uma Dádiva. Caminhos de Antropologia bíblica*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2002, 135-136.

⁸⁴ Walter KASPER, *Jesus el Cristo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2006, 368.

⁸⁵ Cf. Carlos MESTERS, *Com Jesus na Contramão*, Paulinas, Lisboa, 1984, 60-62.

divina por uma pessoa humana”⁸⁶. Sabemos que os discípulos encontraram-se com Jesus e só uma experiência destas é que explica a mudança experienciada por estes.

Em que consiste este encontro? Consiste na experiência de que a esperança, aquele estado de expectativa em que viviam, teve uma resposta definitiva de Deus em Jesus.⁸⁷ A sua vida, a sua paixão, a sua morte, fez-se presente para eles. Em Jesus consumou-se a aliança de Deus com o seu povo. “O protagonista é o Filho de Deus e a fé descobre esta realidade num ser humano como nós. Ele é a última e definitiva intervenção de Deus na história”⁸⁸.

Este encontro é uma experiência central para os discípulos, porque agraciados com a efusão do Espírito, ajudados pela meditação da Escritura, guiados pelos ensinamentos de Jesus, reconheceram nele o Senhor, sentiram-se amados e corresponderam com o seu amor, sentiram-se chamados e responderam, ou seja, converteram-se e acreditaram N'Ele com todo o coração.⁸⁹

Tal experiência é, por sua vez, a experiência de Deus e de Cristo; experiência de Cristo como revelação de Deus. “O nosso sentir e experimentar Deus tem a sua justa norma no sentir e experimentar de Cristo, pelo modo como ele próprio deixou que a sua experiência de Deus fosse medida por Deus, pelo modo como fez esta experiência e permitiu que fosse determinada pela obediência e filtrada através dela”⁹⁰.

Por outro lado, a experiência cristã de Deus contém um novo elemento que é necessário referir, a experiência do Espírito. O Espírito Santo é a raiz da experiência cristã. O Espírito está inerente ao testemunho. É ele que instrui os apóstolos e lhes dá coragem e constância. O Espírito testemunha com eles. Sendo a experiência do “Espírito a raiz e a consumação da experiência de Deus, ela mesma anima o povo congregado por Jesus Cristo”⁹¹.

Desta experiência radical e graças ao testemunho temos acesso a Jesus Cristo e podemos fazer a experiência da fé como condição para sermos cristãos. Só na medida em que a fé afetar a totalidade da existência é que falamos de experiência cristã. A experiência cristã é fé vivida, onde se percebe o conteúdo da mesma, o seu sentido para a vida, e a sua realização na praxis.

⁸⁶ Felipe RAMOS, “Evangelio Según S. Juan”, in *Santiago Guijarro Oporto*, Miguel Salvador García, Comentario al Nuevo Testamento, Casa de la Biblia, Estella, 1995⁶, 330.

⁸⁷ Cf. Juan VELASCO, *La experiencia Cristiana de Dios...*, 80.

⁸⁸ Felipe RAMOS, “Evangelio Según S. Juan”, in *Santiago Guijarro Oporto...*, 330.

⁸⁹ Cf. Juan VELASCO, *La experiencia Cristiana de Dios...*, 80-81.

⁹⁰ Hans Urs von BALTAZAR, *Gloria: una estética teológica. La percepción de la forma*, Ediciones Encuentro, Madrid, 1985, 228.

⁹¹ Cf. Juan VELASCO, *La experiencia Cristiana de Dios...*, 82.

“Uma fé que não tendesse para a experiência do mistério poderia ser uma fé de certo modo vazia e abstrata. Uma experiência sem um conteúdo claro de fé poderia desembocar na irracionalidade, ou num simples entusiasmo religioso sem fundamento nem equilíbrio”⁹².

É a partir da fé que se percebe a riqueza e a beleza da vida nova recebida. Esta experiência é a melhor confirmação para o cristão da verdade e do sucesso da sua fé. Permite ao cristão viver com normalidade e com total paz interior a vida nova da comunicação com Cristo e com Deus. E como o essencial da vida de Jesus se resume no amor ao próximo a experiência cristã de Deus terá a sua manifestação mais autêntica no serviço e no amor aos irmãos.

3. Conhecimento de Deus pela fé

Sendo a fé um compromisso inteiramente pessoal, o ser humano, como sujeito único e irrepetível, não pode ser substituído por nada nem por ninguém. O ato de crer, cujo dinamismo constitui o que denominamos fé, manifesta-se como uma das ações humanas mais abarcante. Crer é algo que compromete a pessoa nos diversos níveis constitutivos do seu ser. “Todo o ser humano precisa de *crer* de alguma maneira”⁹³.

“Crer que” e “crer em” são duas dimensões inseparáveis da fé. Neste sentido, a fé é uma forma de conhecimento; é a forma humana fundamental de conhecimento porque se refere à relação entre pessoas. “Constitui um ato pessoal de confiança e estabelece uma vinculação mútua de pessoas”⁹⁴.

A fé, com a sua dimensão de transcendência, põe de manifesto a impossibilidade do ser humano se considerar autossuficiente e, portanto, deixa claro a exigência de relação. Na verdade, o ser humano não se basta a si mesmo, para além de um “ser-para”⁹⁵, é um ser “a partir de”. Poderíamos afirmar que: “o Homem é um ser para a fé”⁹⁶. Na realidade, a fé “exige um salto, um ato livre voluntário: querer crer”⁹⁷.

Também a fé em Deus acontece livremente, sendo uma decisão livre de cada ser humano, que responde pessoalmente à chamada de Deus, “acontece apenas como ato do

⁹² José MORALES, *La experiencia de Dios*, 162.

⁹³ Joseph RATZINGER, *Introdução ao cristianismo...*, 50.

⁹⁴ Walter KASPER, *Introdução à Fé...*, 78.

⁹⁵ César IZQUIERDO, *Creo, Cremos ¿Qué es la fe?*, Rialp, Madrid, 2008, 33.

⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁷ *Ibidem*, 43.

Homem que crê, existe unicamente onde alguém se abandona à verdade da proclamação sobre o reino de Deus”⁹⁸. É uma atitude pessoal de confiança, de comunhão com Deus.

“Deus é quem dá o ‘*instinto íntimo*’ e a ‘*luz da fé*”⁹⁹. Uma luz, não no sentido de fazer ver, mas uma luz que produz uma tendência. Portanto, no ato de fé intervém a vontade. Crer é um ato livre. “ ‘Eu creio’ é uma resposta livre a uma proposta de Deus”¹⁰⁰.

“A fé nunca foi simplesmente uma atitude que descesse de forma automática até ao desnível da existência humana; ela foi sempre uma decisão que envolve toda a profundidade da existência, exigindo sempre uma viragem do ser humano condicionada por uma decisão”¹⁰¹.

Não há nada que obrigue o ser humano a crer, portanto este “*crê porque quer*”. A fé é uma decisão fundamental e um projeto total do ser humano, em que ele encontra a sua identidade, a sua vida, os outros e a realidade, na medida em que encontra Deus.¹⁰² “Deus criou o ser humano em liberdade e respeita-lhe esta prerrogativa no diálogo que estabelece com ele”¹⁰³. Por isso, a fé só pode ser entendida como resposta livre de cada sujeito.

Neste sentido, inteligência e vontade intervêm harmonicamente no ato de fé, isto é, se a inteligência não interviesse, o ato de fé seria cego e irracional; e se a vontade não interviesse, não se chegaria ao ato de fé ou a fé desapareceria como tal.¹⁰⁴ É a pessoa na sua totalidade que crê, e é a pessoa inteira que fica afetada pelo seu ato de fé. “A fé supõe da nossa parte um assentimento, em que a nossa inteligência aceita a realidade interpelante da Revelação, do Deus verdadeiro que nos chama à salvação”¹⁰⁵.

Walter Kasper expõe sinteticamente esta intervenção da pessoa inteira no ato de fé ao afirmar que “o conhecimento e a vontade são, pois, elementos de um mesmo ato de fé; (...). Por isso, a fé em Deus não é nem uma crença na verdade puramente intelectual, nem uma mera decisão da vontade, nem simples assunto do sentimento. É um ato de todo o Homem, um ato na qual se realiza a sua plena humanidade”¹⁰⁶.

⁹⁸ Walter KASPER, *Introdução à Fé...*, 78.

⁹⁹ J. Josef TRÜTSCH; Josef PFAMMATTER, “Explicación teológica de la fe”, in AA. VV., *Mysterium salutis*, vol I, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1969, 933.

¹⁰⁰ João LIBÂNIO, *Eu creio nós cremos, Tratado da fé...*, 191.

¹⁰¹ Joseph RATZINGER, *Introdução ao cristianismo...*, 36.

¹⁰² Walter KASPER, *Introdução à Fé*, Livraria Telos Editora, Porto, 83.

¹⁰³ João LIBÂNIO, *Eu creio nós cremos, Tratado da fé*, Loyola, Brasil, 2000, 191.

¹⁰⁴ César IZQUIERDO, *Creo, Creemos ; Qué es la fe?...*, 135.

¹⁰⁵ Cf. João LIBÂNIO, *Eu creio nós cremos, Tratado da fé...*, 41- 42.

¹⁰⁶ Walter KASPER, *El Dios de JesuCristo...*, 142.

De facto, a fé é adoração, obediência, confiança que se abre à ação de Deus em nós. “A fé cristã é um acontecimento que vive do encontro entre a verticalidade da ação divina e a horizontalidade da existência humana. Resulta da confluência de duas liberdades, a de Deus e a nossa”¹⁰⁷.

Considerando tudo isto, não podemos deixar de abordar ainda a qualidade mais profunda da fé cristã, ou seja, o seu carácter *interpessoal*. A estrutura fundamental da fé não se exprime num “*Creio em algo*”, mas num “*Creio em Ti*”. Cremos em Jesus, cremos n’Ele, porque aceitamos como verdade o que Jesus nos disse sobre Deus e sobre a nossa vida. A fé é uma relação de confiança, obediência e de adoração para com a pessoa de Jesus. Por este caminho de comunhão espiritual, a fé proporciona-nos conhecimentos obscuros, mas seguros e firmes, sobre as questões fundamentais da nossa vida.

Trata-se do conhecimento de Deus e do seu plano de salvação para a humanidade, ao qual chegamos mediante a nossa confiança em Deus. É um conhecimento que não compete com a ciência nem contradiz a nossa razão, simplesmente está acima do que podíamos conhecer sem a mediação da fé. “O Homem é aquele que nas experiências da sua vida, na sua linguagem e no seu conhecimento antecipa o mistério absoluto de uma liberdade incondicional, perfeita”¹⁰⁸.

Deus quis comunicar-se ao ser humano e, por isso, a revelação dá lugar a uma experiência porque ela mesma é um encontro entre Deus e o ser humano. “A revelação desencadeia uma profunda e rica experiência de fé no crente quando se aceita o compromisso pessoal e total da relação definitiva com o mistério de Deus, e se vive essa relação na celebração litúrgica do mistério cristão”¹⁰⁹.

Em suma, a fé é um sentimento de total crença na palavra de Deus na sua onisciência e onipotência, em todos os ensinamentos pregados por Jesus Cristo, o enviado de Deus totalmente incorporado pela Igreja. “Ora a fé é a garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se vêem” (Hb 11,1).

¹⁰⁷ Domingos TERRA, «A decisão da fé na cultura das preferências individuais», ” in *Didaskalia* 36/1 (2006), 182.

¹⁰⁸ Walter KASPER, *El Dios de JesuCristo...*, 142.

¹⁰⁹ César IZQUIERDO, *Creemos ¿Qué es la fe?...*, 186.

4. Síntese

Deus, o grande Mistério esteve desde sempre articulado com a história do ser humano na sua incessante procura por si mesmo e pelo sentido da sua vida. Apesar das mudanças da forma como se busca ou questiona a presença/existência de Deus, esta questão continua a brotar e a renovar-se no íntimo de cada Homem dada a sua consciencialização inata de que não se basta a si próprio.

“Ao descobrir-se amado por Deus, o Homem compreende a própria dignidade transcendente, aprende a não se contentar de si e a encontrar o outro, numa rede de relações cada vez mais autenticamente humanas. Feitos novos pelo amor de Deus, os Homens são capacitados a transformar as regras e a qualidade das relações, inclusive as estruturas sociais: são pessoas capazes de levar a paz onde há conflitos, de construir e cultivar relações fraternas onde há ódio, de buscar a justiça onde prevalece a exploração do Homem pelo Homem. Somente o amor é capaz de transformar de modo radical as relações que os seres humanos têm entre si. Inserido nesta perspectiva, todo o Homem de boa vontade pode entrever os vastos horizontes da justiça e do progresso humano na verdade e no bem”¹¹⁰.

A experiência de Deus torna-se assim crucial neste caminho de procura, sendo essencial encontrar as formas e os lugares para que tal aconteça. Como vimos, a forma passa pela vivência e descentramento, focando apenas uma atitude radical. Relativamente ao lugar para experienciar Deus, a oração torna-se o espaço de eleição, ou seja, o lugar privilegiado para a experiência de Deus.

¹¹⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Cascais, Editora Principia, 2005, nº 4.

CAPITULO III - ELABORAÇÃO DE UM DISPOSITIVO PEDAGÓGICO E DIDÁTICO PARA A UNIDADE LECTIVA: DEUS, O GRANDE MISTÉRIO

Na continuidade e consistência concreta da atuação dos conteúdos abordados nos dois capítulos anteriores, apresentamos neste terceiro capítulo um conjunto de propostas pedagógico-didáticas para a lecionação da unidade letiva – *Deus, o grande Mistério* – que integra o programa curricular de EMRC do 9º ano de escolaridade.

Num primeiro ponto, será feita uma análise comparativa desta unidade letiva nos programas curriculares do ano de 2007 e 2014, tendo presente as alterações justificadas pelas necessidades pedagógicas.

Num segundo ponto, apresentaremos a unidade letiva, tendo em conta as razões da sua escolha, as metas e os objetivos a valorizar e a caracterização da turma. Neste ponto será elaborada também a proposta de planificação e descrição das aulas. Serão apresentadas as grelhas orientadoras de planificação que serviram de base à lecionação da unidade letiva. Destacamos, também as estratégias e recursos a utilizar para maior enriquecimento do processo ensino-aprendizagem através de uma maior interação entre professor e alunos.

Por último, será apresentada uma avaliação geral da unidade letiva tendo em conta o trabalho desenvolvido durante a lecionação, com o objetivo de aperfeiçoar os aspetos menos conseguidos.

1. Análise comparativa da Unidade Letiva nos programas curriculares de 2007 e 2014

Tendo em conta os dois programas curriculares da disciplina de EMRC do ano 2007 e 2014 pretende-se uma análise comparativa centrada na unidade letiva – *Deus, o grande Mistério*.

No programa curricular de 2007, a unidade letiva em estudo estava inserida num conjunto de 4 unidades letivas, sendo abordada em segundo lugar. Posteriormente, com a reformulação curricular realizada para o ano letivo de 2014-2015, esta tornou-se o centro do programa de 9º ano, isto é, a unidade é colocada em segundo lugar mas agora num conjunto de três unidades que formam a planificação. Com o objetivo de sistematizar as mudanças realizadas, apresentam-se, em paralelo, as unidades letivas que compunham o programa elaborado no ano letivo de 2007-2008 e as que constituem o atual programa.

| Programa Curricular 2007/2008 | Programa Curricular 2014/2015 |
|-------------------------------|-------------------------------|
| UL1: A dignidade humana | UL1: A dignidade Humana |
| UL2: Deus, o grande mistério | UL2: Deus, o grande mistério |
| UL3: As religiões orientais | UL3: Projeto de vida. |
| UL4: Projeto de vida | |

Figura 1- Diferenças no programa curricular do 9.º ano de escolaridade

No programa de 2014 encontramos uma revisão parcial justificada pelas necessidades pedagógicas. As unidades letivas para o 9º ano passam a ser três. Neste sentido, a unidade letiva “As religiões Orientais” é suprimida dado que a reestruturação do programa levada a cabo provocou alterações na planificação do 7º ano de escolaridade, passando esta a ser lecionada na UL “As Religiões” do referido ano.

Uma análise mais pormenorizada aos programas em questão leva-nos a salientar a diferença na estruturação programática. No programa de 2007, as metas são ligadas aos conteúdos através da operacionalização de competências. Por outro lado, na revisão do programa de 2014, a estratégia é diferente, partindo dos conteúdos e tendo em conta as metas curriculares definidas são sugeridos os objetivos programáticos para a obtenção dos referidos conteúdos.

Esta alteração teve grande impacto no grau de atenção prestada à unidade “Deus, o grande Mistério”, dado que passou a ser o centro da planificação do 9º ano de EMRC, sendo-lhe dedicado mais tempo de lecionação e acarretando alterações nos seus conteúdos.

No programa de 2014 é valorizado o confiar e o acreditar humanos em sentido antropológico geral. É introduzido o Relativismo como uma das formas de recusa de Deus. Existe uma maior preocupação com a dimensão da fé ao ponto de ser valorizada a sua experiência e a sua prática social. Aparecem também nos conteúdos os elementos constitutivos do fenómeno religioso. E por último, são introduzidas as instituições cristãs empenhadas no bem comum.

Em suma, esta reestruturação parece-nos pertinente na medida em que a Unidade Letiva “Deus, o grande Mistério” passa de uma abordagem demasiado teórica e catequética com o risco de se desviar da especificidade própria da disciplina de EMRC, para uma abertura maior

à dimensão transcendente e um aprofundamento da fé como sentido para a vida. Fica assim ajustada ao contexto do 9º ano de escolaridade que é marcado pelas escolhas que os alunos terão de fazer em relação ao futuro.

2. Apresentação da Unidade Letiva “Deus, o grande Mistério”

A planificação e tomada de decisão sobre a instrução constituem um dos aspetos essenciais do ensino, “porque determinam em grande parte o conteúdo e a forma do que é ensinado nas escolas”¹¹¹.

Neste sentido, ao planificar a unidade letiva 2: “Deus, o grande Mistério” do 9º ano, procuramos fazê-lo de forma criativa, dinâmica e pedagógica, destacando a problemática da existência de Deus como uma questão universal e fundamental. A decisão de trabalhar este tema, na tentativa de uma fundamentação científica e da realização de uma possível planificação, deveu-se a um interesse particular por esta temática.

A unidade letiva 2 “Deus, o grande Mistério” inserida no programa de EMRC tem um verdadeiro sentido ao abordar a dimensão transcendente e a procura de um sentido da vida inerente ao processo de adesão à fé e à própria proposta de Si mesmo que Deus faz a cada mulher e a cada homem.

Deste modo, conseguimos perceber e valorizar as metas curriculares com o intuito de alcançar os respetivos objetivos:

| Metas | Objetivos |
|--|--|
| A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. | 1. Equacionar respostas fundamentais sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal. |
| C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. | 2. Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré |
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. | 3. Destacar a bondade e a grandeza de Deus. |
| J. Descobrir a simbólica cristã | |
| I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade. | 4. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé. |

Figura 2- Metas e objetivos a desenvolver na Unidade Letiva "Deus, o grande mistério".

¹¹¹ Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lisboa, 1995, 67.

Considerando os conteúdos propostos no programa da disciplina de EMRC para unidade letiva em questão foram selecionados os que mais se ajustavam à realidade da turma. Ao planificar tivemos em conta as indicações recebidas, as características socioculturais da turma, o aproveitamento escolar, o interesse e a motivação demonstrada pelos alunos na disciplina.

Neste sentido, apresenta-se agora uma breve caracterização da turma. O conhecimento da turma é fundamental para o sucesso da aprendizagem e para percebermos quais os recursos a utilizar. A turma escolhida para lecionar unidade letiva em questão foi uma turma do 9º ano de escolaridade do Agrupamento de Escolas de Celeirós.

A turma é constituída por vinte alunos, nove rapazes e onze raparigas, com idades compreendidas entre os quinze e os dezasseis anos. Os alunos estão todos inscritos nas aulas de EMRC.

Constamos que os alunos estavam bastante motivados para a disciplina, facto verificado nas primeiras aulas e na totalidade das inscrições à disciplina de EMRC. Quando confrontados com o motivo de estarem inscritos em EMRC todos responderam que foi por livre escolha, demonstrando interesse pela disciplina. Neste sentido, tivemos em atenção a motivação por parte dos alunos tentando uma planificação didática capaz de cativar ainda mais o seu interesse e a sua participação nas aulas e aprofundamento da disciplina.

Desde as primeiras aulas, que os alunos se mostraram responsáveis e traziam o material necessário o que facilitou na elaboração das planificações. De um modo geral, os alunos são participativos, envolvem-se na dinâmica da turma e demonstram capacidades de aquisição e aplicação dos conhecimentos.

A informação para a caracterização socioeconómica, cultural e afetiva da turma foi obtida com base nos dados recolhidos através dos processos individuais dos alunos, da consulta do plano de turma e no contato com os alunos ao longo das sete aulas planificadas.

A prática pedagógica da unidade letiva decorrerá entre o dia 13 janeiro de 2015 e o dia 3 de março. A aula é precedida de um intervalo o que facilitará a preparação, por parte do professor estagiário, do espaço da sala de aula. É um momento importante para a preparação e experimentação dos recursos a utilizar (computador, vídeo projetor, colunas) para evitar imprevistos e para que nada prejudique o bom funcionamento da aula.

3. Proposta de planificação e descrição das aulas

Depois desta breve introdução, apresentamos a descrição pormenorizada do que se pretende realizar em cada uma das sete aulas planificadas. De seguida, expomos as grelhas de planificação, que permitem obter uma panorâmica mais esquematizada.

Na **primeira aula** pretende-se trabalhar a meta curricular **A** – Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa, com o intuito de alcançar o objetivo: equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.

A aula iniciar-se-á com a apresentação e o acolhimento dos alunos. Esta aula será dedicada também à apresentação da unidade letiva “Deus, o grande mistério” que será desenvolvida durante sete aulas.

Depois de os alunos registarem o sumário da aula no caderno diário apresentar-se-ão os conteúdos a desenvolver durante as próximas sete aulas, com recurso ao *Prezi*¹¹², que é um software multimédia. Neste recurso, tudo é criado numa estrutura única facilitando a organização e o acesso a toda a informação em primeiro plano. De seguida serão projetadas duas frases¹¹³ cujo objetivo é analisar as questões do acreditar e confiar humanos. A primeira frase do pensador Aristóteles Onassis: “Talvez eu seja enganado inúmeras vezes...Mas não deixarei de acreditar que em algum lugar alguém merece a minha confiança!”. A segunda frase de Nelson Mandela: “Damos sinal de que o bem pode ser alcançado entre seres humanos que estejam preparados para confiar, preparados para acreditar na bondade das pessoas”. Estas frases servirão de mote para estabelecer um pequeno diálogo com os alunos. A primeira parte da aula terminará com um pequeno vídeo destacando mais uma vez o acreditar humano.

No momento seguinte da aula, para abordar a temática da questão da existência de Deus será apresentado, pelo recurso ao material audiovisual, o vídeo da música "Que Deus?"¹¹⁴ interpretada pelo músico português, Boss AC.

“Há perguntas que têm que ser feitas...
Quem quer que sejas, onde quer que estejas,
Diz-me se é este o mundo que desejas,

¹¹² Anexo I, figura 1.

¹¹³ Anexo I, figura 2.

¹¹⁴ Anexo I, figura 3.

Homens rezam, acreditam, morrem por ti,
Dizem que estás em todo o lado mas não sei se já te vi,
Vejo tanta dor no mundo pergunto-me se existes,
Onde está a tua alegria neste mundo de homens tristes?
Se ensinas o bem porque é que somos maus por natureza?
Se tudo podes porque é que não vejo comida á minha mesa?
Perdoa-me as dúvidas, tenho que perguntar,
Se sou teu filho e tu amas porque é que me fazes chorar?
Ninguém tem a verdade o que sabemos são palpites
Se sangue é derramado em teu nome é porque o permites?
Se me destes olhos porque é que não vejo nada?
Se sou feito á tua imagem porque é que durmo na calçada?
Será que pedir a paz entre os homens é pedir demais?
Porque é que sou discriminado se somos todos iguais?
Porquê?!
Porquê que os Homens se comportam como irracionais?
Porquê que guerras, doenças matam cada vez mais?
Porquê que a Paz não passa de ilusão?
Como pode o Homem amar com armas na mão? Porquê?
Peço perdão pelas perguntas que tem que ser feitas
E se eu escolher o meu caminho, será que me aceitas?
Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei...
Eu acredito é na Paz e no Amor...
Por favor não deixes o mal entrar no meu coração,
Dou por mim a chamar o teu nome em horas de aflição,
Mas tens tantos nomes, és Rei de tantos tronos,
E se o Homem nasce livre porque é que é alguns são donos?
Quem inventou o ódio, quem foi que inventou a guerra?
Ás vezes acho que o inferno é um lugar aqui na Terra,
Não deixes crianças sofrer pelos adultos,
Os pecados são os mesmos o que muda são os cultos,
Dizem que ensinaste o Homem a fazer o bem,
Mas no livro que escreveste cada um só leu o que lhe convém,
Passo noites em branco quase sem dormir a pensar,
Tantas perguntas, tanta coisa por explicar,
Interrogo-me, penso no destino que me deste,
E tudo que acontece é porque tu assim quiseste,
Porque é que me pões de luto e me levas quem eu amo?
Será que essa é a justiça pela qual eu tanto reclamo?
Será que só percebemos quando chegar a nossa altura?
Se calhar desse lado está a felicidade mais pura,
Mas se nada fiz, nada tenho a temer,
A morte não me assusta o que assusta é a forma de morrer...
Porquê que os Homens se comportam como irracionais?
Porquê que guerras, doenças matam cada vez mais?
Porquê que a Paz não passa de ilusão?
Como pode o Homem amar com armas na mão? Porquê?
Peço perdão pelas perguntas que tem que ser feitas
E se eu escolher o meu caminho, será que me aceitas?

Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei...
Eu acredito é na Paz e no Amor...
Quanto mais tento aprender, mais sei que nada sei,
Quanto mais chamo o teu nome menos entendo o que te chamei!
Por mais respostas que tenha a dúvida é maior,
Quero aprender com os meus defeitos, acordar um homem melhor,
Respeito o meu próximo para que ele me respeite a mim,
Penso na origem de tudo e penso como será o fim,
A morte é o fim ou é um novo amanhecer?
Se é começar outra vez então já posso morrer...
(Ao largo ainda arde, a barca da fantasia,
o meu sonho acaba tarde,
acordar é que eu não queria...)

Figura 3 - Letra da música: “Que Deus?”

A temática da música centra-se na questão da existência ou não de Deus. Numa linguagem acessível e audível a letra da música traduz toda a problemática em questão sendo um bom ponto de partida para provocar a reflexão pessoal nos alunos. Antes de iniciar a audição da música será distribuída aos alunos uma ficha com a letra da música para que estes possam preencher os espaços em branco.

Rentabilizando a projeção dos conteúdos com o recurso ao *Prezi* e com ajuda do texto do Manual da página 51¹¹⁵, será apresentada a problemática da existência de Deus como uma questão humana fundamental. Como síntese da aula será realizado o exercício 1 da ficha 11 do Caderno do Aluno:

A questão de Deus é uma **questão humana fundamental** porque

- a) a procura do sagrado é uma realidade humana e universal.
- b) Deus é para todas as pessoas o sentido da vida.
- c) a vivência de «situações limite» conduz as pessoas a perguntar por Deus.
- d) o ser humano é um ser religioso.
- e) questionando-se sobre o sentido das suas vidas, as pessoas acabam por levantar a questão de Deus.




Figura 4 - Exercício do caderno de atividades

Terminar-se-á a aula com a saudação de despedida aos alunos.

¹¹⁵ Anexo I, figura 4.

Na **segunda aula**, considerando os conteúdos a desenvolver, continuamos a trabalhar a meta curricular **A** – Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa – e o mesmo objetivo: equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.

Esta aula terá como objetivo que os alunos contactem com algumas das várias formas de recusa de Deus e com o “acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida”.

A aula iniciar-se-á com um breve acolhimento e o sumário será projetado no quadro com recurso a uma apresentação em *PowerPoint*¹¹⁶. Após uma síntese dos conteúdos da aula anterior serão apresentadas algumas das várias formas de recusa de Deus: o ateísmo, o agnosticismo e o relativismo. Para o efeito apresentar-se-á um excerto do filme "Deus não está morto"¹¹⁷ no qual surge um professor de filosofia que não acredita em Deus e um aluno que reafirmando a sua fé é desafiado pelo professor a comprovar a existência de Deus. Começa então um debate entre o professor e o aluno, os dois estão dispostos a tudo para justificar o seu ponto de vista. Recorrendo à projeção dos conteúdos em *PowerPoint*¹¹⁸, serão aprofundadas com os alunos algumas das várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo dando alguns exemplos de filósofos ateus e personalidades agnósticas.

No momento seguinte da aula, para abordar a questão do acreditar em Deus: será apresentado um segundo excerto do mesmo filme. O objetivo é que os alunos percebam e contactem com a posição crente face à existência de Deus.

Por fim, os alunos serão interpelados pela apresentação áudio-visual do testemunho do treinador José Mourinho¹¹⁹ e pela pergunta equacionada por Roger Garaudy, *Será que precisamos de Deus?*

“Sim, temos, de facto, necessidade de Deus, presença em cada um de nós da exigência de procurar o sentido da vida, de ser responsável por descobri-lo e por realizá-lo.

Precisamos de Deus para tomar consciência da unidade da vida, dessa mesma vida que anima a subida da seiva nas árvores e nas flores e a palpitação do sangue no coração dos seres humanos.

Temos necessidade de Deus cuja presença em nós se manifesta pela possibilidade permanente de não nos abandonarmos à passividade mas de assumirmos a responsabilidade de participar na pilotagem da criação continuada da vida.

Exaltante liberdade de escolher entre a ascensão e a queda, entre a invenção de formas novas e mais ricas de vida, ou a resignação a uma decadência que conduz à destruição do planeta Terra.

¹¹⁶ Anexo II, figura 1.

¹¹⁷ Anexo II, figura 2.

¹¹⁸ Anexo II, figura 3.

¹¹⁹ Anexo II, figura 4.

A esta liberdade, uns chamam dom de Deus que nos criou à sua imagem; outros recusam-se a chamar «Deus» a essa transcendência para não a confundir com exterioridade, como se Deus estivesse fora de nós decidindo sobre o nosso futuro à maneira de um soberano.

Mas a necessidade de Deus é a maior necessidade da nossa época. Está em jogo a sobrevivência da humanidade e o seu sentido.

O Deus de que temos necessidade não é esse ser exterior e superior a nós, que reina «lá em cima», à maneira de um monarca mais poderoso do que todos os outros. Menos ainda esse Deus de que só a nossa comunidade deteria a verdadeira imagem. Nem esse Deus parcial e tribal que nos teria eleito e nos daria o poder de excluir e aniquilar outros povos.

O Deus de que precisamos é esse Deus uno e total, presente em todos nós e cuja unidade é a única que pode dar sentido a todas as coisas como seu fim último e único.

É o Deus autenticamente transcendente, isto é, que não pode ser medido pelo ser humano e do qual nenhuma comunidade religiosa pode possuir a verdade total.

Deus é essa presença que está em nós sem ser de nós. Não podemos captá-lo nem pelos nossos sentidos nem pelos nossos conceitos, mas não podemos rejeitar os seus apelos e exigências sem nos mutilarmos da dimensão especificamente humana da nossa vida.

Tal é a fé perene e universal: a afirmação do sentido da existência, da unidade do mundo, da criação divina da vida. Para se ser humano tem-se necessidade dessa fé, seja qual for o nome que se dê ao Deus ao qual ela se dirige e mesmo que se lhe recuse esse nome”.

Figura 5- Texto adaptado de Roger Garaudy, *Será que precisamos de Deus?*

Terminar-se-á a aula com a despedida dos alunos

Na **terceira aula** pretende-se valorizar a meta curricular **C** – Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas, tendo como objetivo: identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.

Considerando os conteúdos a trabalhar, pretende-se que os alunos percebam e contactem com as representações de Deus no Antigo Testamento: Judaísmo e com o Deus de Jesus Cristo: Cristianismo.

Após um breve acolhimento e registo do sumário, projetado no quadro com recurso ao *PowerPoint*¹²⁰. A partir do texto de Roger Garaudy *Será que precisamos de Deus?* proposto para leitura na aula anterior. O professor dará espaço ao diálogo.

Seguidamente serão distribuídas pelos alunos fotocópias das páginas 72 e 73 do Manual do Aluno e pedir-se-á que façam uma leitura sobre as representações de Deus no Antigo Testamento. De seguida, entregar-se-á o exercício 1 da ficha 14 do Caderno do Aluno para os alunos sintetizarem em grupo a leitura realizada:

¹²⁰ Anexo III, figura 1.

Assinala as alíneas que correspondem à caracterização de Deus no **Antigo Testamento** (MA 72-73).

- a) Israel acreditava em várias divindades.
- b) Deus é puro espírito; não pode ser representado em imagens.
- c) Deus pode ser identificado com as forças da natureza.
- d) Deus é santo, o que significa que não se relaciona com o mundo.
- e) Deus é misterioso.
- f) Deus é alguém com quem se pode conversar.
- g) Deus não estabeleceu alianças com nenhum povo.
- h) Deus está presente e atuante na história humana.
- i) Deus revelou imediata e totalmente a sua verdadeira identidade ao povo de Israel.
- j) O Deus de Israel é um Deus nacional que, pouco a pouco, o povo descobre ser também o Deus de todos os povos.
- k) Deus aparece com algumas características negativas (por exemplo, guerreiro) que só o Novo Testamento acaba por eliminar.



Figura 6- Exercício do Caderno do Aluno.

Através do recurso ao *PowerPoint*¹²¹ realizar-se-á a correção do exercício e a reformulação das afirmações erradas. Face à ambiguidade do tema o docente deixará um espaço para questões que os alunos possam levantar.

Com o objetivo de estabelecer uma comparação, serão distribuídas aos alunos fotocópias do Manual do Aluno com textos que abordam a representação de Deus no Novo Testamento. Mais uma vez serão convidados a sintetizarem a leitura através de um exercício de alíneas que será corrigido com ajuda dos diapositivos:

Assinala as alíneas que correspondem à caracterização do **Deus de Jesus Cristo**.

- a) Jesus purifica definitivamente a imagem de Deus.
- b) Ele é um Deus bom.
- c) Pai de todos, exceto dos pecadores.
- d) Ama a todos com amor infinito.
- e) Perdão e Misericórdia.
- f) Salva apenas quem bem entende.
- g) Garante de uma vida em plenitude.
- h) Mágico.
- i) Juiz arbitrário que julga de acordo com o seu humor.

Figura 7 – Exercício sobre a caracterização do Deus de Jesus Cristo.

¹²¹ Anexo III, figura 2.

Como conclusão, o professor através de um jogo adaptado – *Quem quer ser jovem*¹²² – apresentará algumas representações de Deus, umas mais positivas e outras menos positivas. O jogo tem como objetivo elucidar os alunos para a existência de concepções de Deus muitas vezes ligadas aos interesses pessoais.

Terminar-se-á a aula com a despedida dos alunos.

Na **quarta aula** pretende-se valorizar a meta curricular **J** – Descobrir a simbólica cristã, com o objetivo de dar a conhecer e fazer descobrir aos alunos o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã.

A aula iniciar-se-á depois de um breve acolhimento e do registo do sumário que será projetado com recurso ao *PowerPoint*¹²³. Seguidamente o professor perguntará aos alunos que manifestações de arte poderemos já ter contactado nas aulas anteriores para falarmos de Deus?

O professor escutará os alunos e apresentará uma citação de Bento XVI “que a beleza que se manifesta na criação e na natureza e que se expressa através das criações artísticas (...) pode tornar-se um caminho para o Transcendente, para o Mistério último, para Deus”¹²⁴ transpondo assim para outros tipos de arte: o teatro, a pintura, a escultura e arquitetura.

Neste sentido, o professor apresentará uma recolha realizada de alguns suplementos da *Igreja Viva* do *Jornal Diário do Minho* e uma apresentação em *PowerPoint*¹²⁵ Em primeiro lugar exporá o suplemento – *A Igreja necessita da arte* – do dia 8 de janeiro de 2015, centrando-se na entrevista do ator João Ricardo: *Tenho a certeza que sou imensamente protegido*. Ainda para falar no teatro apresentar-se-á aos alunos um outro suplemento da *Igreja Viva* do dia 29 de janeiro de 2015: *Há qualquer coisa de sagrado no teatro*.

No segundo momento da aula será apresentado um outro suplemento – *Das Catacumbas aos murais: a arte do graffiti* – do dia 15 de janeiro de 2015. Através deste suplemento – *Pintar Deus em Graffiti*¹²⁶ – pretender-se-á introduzir a pintura, a escultura e arquitetura e tentará explicar que a transmissão da fé pode ser feita de variadas formas, contactando com as diversas formas de expressão.

¹²² Anexo III, figura 3.

¹²³ Anexo IV, figura 1.

¹²⁴ BENTO XVI, *Discurso por ocasião do encontro com os Artistas na Capela Sistina*, (21 de Novembro de 2009), disponível no site do vaticano (http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20091121_artisti.html) em 12 de Maio de 2015.

¹²⁵ Anexo IV, figura 2.

¹²⁶ Anexo IV, figura 4.

Como conclusão, o professor utilizará mais uma vez o jogo adaptado – *Quem quer ser jovem* – iniciado da aula anterior para sintetizar a quarta aula.

Terminar-se-á a aula com a despedida dos alunos.

Na **quinta aula** pretende-se valorizar a meta curricular **B** – Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história – destacando a bondade e a grandeza de Deus. Esta aula terá como principal objetivo apresentar a fé cristã como experiência de encontro com Deus e como compromisso de vida.

A aula iniciar-se-á depois de um breve acolhimento e do registo do sumário que será projetado com recurso ao *PowerPoint*¹²⁷. Depois de uma síntese da aula anterior o professor apresentará o conteúdo central da aula "A fé cristã" a partir de um texto do Manual da página 65 "Uma história de fé":

“Conhecem a parábola do pai misericordioso que tinha dois filhos?
O mais novo resolveu um dia sair de casa, mas o mais velho permaneceu sempre junto do pai. Pois bem, tenho sido uma espécie de irmão do filho pródigo.
Na verdade, não me lembro de não ter tido fé. Desde que me conheço que me entendo como cristã. É que nasci numa família católica, comecei a frequentar muito cedo os grupos juvenis da paróquia e todos os meus amigos mais íntimos eram cristãos.
Como é que Jesus entrou na minha vida?
Foram os testemunhos da minha família, dos padres, dos catequistas, dos amigos e até dos colegas não crentes, que me levaram a deixá-lo entrar.
De início eu não percebia nada. Ia à igreja porque os meus amigos estavam lá e sempre nos divertíamos. Em boa verdade, frequentava a igreja porque era o único sítio onde os meus pais me deixavam ir sozinha. A um dado momento comecei a interessar-me pelas coisas de Deus e a sentir um desejo irresistível de o conhecer melhor. E foi assim, sem grandes sobressaltos, que Jesus se introduziu na minha vida. Não vi nenhuma luz misteriosa nem ouvi qualquer espécie de trovão inexplicável! Apenas fui sentindo que nunca estava sozinha, havia uma constante presença amiga na minha vida.
Por volta dos 12 anos comecei a frequentar um movimento católico que me marcou definitivamente. Embora o abandonasse ao fim de três anos por me sentir desenquadrada, tenho de reconhecer que foi nele que aprendi a encontrar-me com Deus. Aos 14 anos fui a Coimbra, a uma assembleia desse movimento, e aí tive a minha primeira experiência consciente de oração e de comunhão com Deus e com os outros. Não sei dizer como foi. Há coisas que não se explicam.
Vivem-se. Apenas sei que encontrei Jesus e que nele achei um sentido pleno para a minha vida”.

Figura 8 - Texto do Manual do Aluno "Uma história de fé."

¹²⁷ Anexo V, figura 1.

Depois de ouvidos os alunos será introduzido o primeiro conteúdo da aula – *a fé como uma experiência de encontro*. Será apresentado um vídeo sobre a história de Nick Vujicic¹²⁸ que apesar das suas limitações físicas e das suas interrogações: *Porque nasci assim?* conseguiu fazer a experiência de encontro com a presença de Deus.

Com o exemplo de Nick, o professor apresentará o segundo conteúdo planificado – *a fé como um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero*. Neste contexto, será apresentado um excerto do filme "Deus não está morto", sugerido na segunda aula. Neste excerto, o professor que se dizia ateu é atropelado e está prestes a morrer. Deus parece ter-lhe dado uma oportunidade para mudar a sua resposta final. Através deste exemplo será explicado aos alunos que Deus poderá ser a resposta ao desejo de eternidade e de felicidade sem limites. Se Deus existir, podemos esperar que a vida e o amor sejam a última realidade para o ser humano, e que a morte, o nada e o esquecimento eterno não sejam a última palavra para a vida humana.

Por último, – *a fé como um apelo à construção de um mundo que transforma a pessoa humana quando ela se abre ao amor e aos outros* – é o último conteúdo planificado para esta aula. Será apresentado um excerto do filme “A Experiência Humana”¹²⁹. Dois jovens irmãos, Cliff e Jeff Azize, viajam pelo mundo procurando respostas para as questões tão existenciais como: *Quem é o Homem? Quem sou eu? Qual o sentido da vida? É no contacto com o ser humano sofredor, pela solidariedade e no diálogo, que chegam às respostas e à compreensão do sofrimento.*

Terminar-se-á a aula com a despedida dos alunos.

Na **sexta aula** desta unidade letiva pretende-se valorizar a meta curricular **I** – Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade, com o intuito de alcançar o objetivo de descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé. Por outro lado, fazer síntese dos aspetos trabalhados na aula anterior e dar continuidade e coerência ao projeto de lecionação.

Depois de um breve acolhimento e do registo do sumário que será projetado no quadro através do recurso ao *Powerpoint*¹³⁰ será pedido aos alunos que façam uma síntese dos conteúdos da aula anterior. Serão sistematizados os conteúdos da aula anterior “ a fé cristã como apelo à construção de um mundo solidário” lembrando a visualização do excerto do

¹²⁸ Anexo V, figura 2.

¹²⁹ Anexo V, figura 3.

¹³⁰ Anexo VI, figura 1.

filme “A Experiência Humana” e uma citação do Papa Francisco¹³¹ “A fé transforma a pessoa inteira, precisamente na medida em que ela se abre ao amor”¹³².

De seguida, para melhor esclarecer a citação apresentada na aula anterior será apresentado um vídeo do Papa Francisco¹³³. Através deste exemplo será pedida a atenção dos alunos para os exemplos de vidas com sentido que contribuíram para um mundo mais solidário e fraterno: S. Vicente de Paulo, Aristides de Sousa Mendes; Papa João XXIII. Como estratégia será distribuída pelos alunos a ficha 17¹³⁴ para a realização dos exercícios 1, 2, 4 e 6 para os alunos preencham as alíneas ao longo dos testemunhos apresentados. Através da apresentação em *PowerPoint*¹³⁵ serão corrigidos os exercícios com os alunos. A ficha além de exigir a atenção dos alunos servirá como síntese dos conteúdos apresentados.

O primeiro testemunho apresentado será o de São Vicente de Paulo. O professor pedirá a um aluno para ler o texto da página 86 do Manual que será projetado¹³⁶. Seguidamente sugerirá que realizem o exercício 2 onde destacará, durante a sua correção, os aspetos mais importantes na vida de São Vicente de Paulo. O professor abrirá um espaço de diálogo e partilha para que alunos possam fazer algum comentário.

Seguidamente será apresentado um vídeo¹³⁷ e um texto¹³⁸ sobre a vida de Aristides de Sousa Mendes e será sugerido aos alunos a realização do exercício 4. No final da leitura, será corrigido o exercício e destacar-se-ão os aspetos mais marcantes na vida deste homem. Depois de ouvir os alunos será projetado um excerto do texto da página 88 do Manual¹³⁹ que alude à vida do Papa João XXIII. Depois da realização do exercício proceder-se-á à sua correção.

Depois será pedido aos alunos para refletirem sobre o que têm em comum estes quatro homens. O professor depois de escutar os alunos destacará os valores da solidariedade e da fraternidade na construção de um mundo melhor.

Seguidamente será apresentado um excerto da conferência – *Olhares sobre a cultura* – (20-02-2015)¹⁴⁰, e um quadro resumo¹⁴¹ do orador Fernando Santos, Seleccionador Nacional em que relaciona o desporto com a fé. Depois de uns momentos de reflexão e diálogo com os

¹³¹ Anexo VI, figura 2.

¹³² PAPA FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de junho de 2013) in AAS 113, 5 (2013) n° 26.

¹³³ Anexo VI, figura 3.

¹³⁴ Anexo VI, figura 4.

¹³⁵ Anexo VI, figura, 5.

¹³⁶ Anexo VI, figura 6.

¹³⁷ Anexo VI, figura 7.

¹³⁸ Anexo VI, figura 8.

¹³⁹ Anexo VI, figura 9.

¹⁴⁰ Anexo VI, figura 10.

¹⁴¹ Anexo VI, figura 11.

alunos será pedido para resolver o exercício 1 tendo em conta os conteúdos apresentados da aula. O exercício tem como objetivo aprofundar e sintetizar a importância da solidariedade.

Terminar-se-á a aula com uma saudação de despedida aos alunos.

A **sétima aula** corresponde ao final da lecionação da unidade letiva. Pretende-se que seja valorizada a meta curricular **I** – Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade, com o intuito de alcançar o objetivo de descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé. Esta aula será importante para que os alunos conheçam as instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.

A aula iniciar-se-á depois de um breve acolhimento e do registo do sumário projetado no quadro com recurso ao *PowerPoint*¹⁴² O professor fará uma síntese dos conteúdos da aula anterior, recordando aos alunos a definição de solidariedade sintetizada na aula anterior através do exercício 1 da ficha 17 do Caderno do Aluno.

De seguida, será apresentado um vídeo sobre Madre Teresa de Calcutá¹⁴³ destacando os aspetos mais marcantes de uma vida inteiramente dedicada aos mais pobres e mais necessitados.

Seguidamente serão apresentadas algumas instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade. A primeira instituição será a Casa de Saúde S. João de Deus em Barcelos¹⁴⁴. O objetivo é dar a conhecer aos alunos esta instituição que assume, atualmente, na região Norte, um papel preponderante na prestação de cuidados de saúde mental.

Depois será apresentada a *Caritas* Portuguesa. Através de um vídeo sobre *Caritas* “Uma família humana”¹⁴⁵ os alunos vão contactar com a sua missão, os seus princípios e valores. Esta instituição rege-se pela *Doutrina Social da Igreja* e orienta as suas ações por princípios de solidariedade.

Por fim, será apresentado o Banco Alimentar¹⁴⁶ destacando a sua história e os seus princípios comuns através da visualização do vídeo institucional. Estes exemplos pretendem destacar a dimensão do testemunho inerente à fé. A aceitação livre dessa fé implica uma mudança na forma como a pessoa se relaciona e como se entrega aos outros.

¹⁴² Anexo VII, figura 1.

¹⁴³ Anexo VII, figura 2.

¹⁴⁴ Anexo VII, figura 3.

¹⁴⁵ Anexo VII, figura 4

¹⁴⁶ Anexo VII, figura 5.

A segunda parte da última aula será dedicada à avaliação da unidade letiva por parte dos alunos. A avaliação terá um cariz mais reflexivo tendo presente os conteúdos abordados, os recursos utilizados e as várias estratégias desenvolvidas na aula. Serão distribuídas folhas em branco para que os alunos possam elaborar livremente a sua reflexão.

Terminar-se-á a aula com um agradecimento aos alunos por todos os momentos em conjunto.



| | |
|-----------------------------|-----------------|
| LIÇÃO Nº: 12 | ANO: 9.º |
| 1ª AULA (03-01-2015) | TURMA: |

**SUMÁRIO: Início da unidade letiva “Deus, o grande mistério”.
O acreditar e o confiar humanos.
A questão da existência de Deus.**

| Unidades de ensino | Metas Curriculares | Objetivos | Conteúdos do programa | Estratégias de ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|---|---|--|---|--|---|--------------------------------------|--|
| Unidade letiva 2 “Deus, o grande mistério” | A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. <i>(domínio Religião e Experiência Religiosa)</i> | 1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal. | 1. O acreditar e o confiar humanos; 2. A problemática da existência de Deus: crença e razão; | - Acolhimento. - Registo do sumário. - Breve contextualização da unidade letiva “Deus, o grande mistério”. - Apresentação de duas frases e um vídeo para introduzir o acreditar e o confiar humanos. - Troca de impressões com alunos acerca das frases e do vídeo. - Visualização e audição de um vídeo clipe: “BOSSAC – <i>Que Deus?</i> ” a) Preenchimento de uma ficha com espaços em branco para os alunos completarem a letra da música. | Caderno diário Computador e vídeo projetor. Software <i>PREZI</i> Software <i>PREZI</i> Cópias com a letra da música. | 5 min. 10 min. 20 min. | Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; |



| | | | | | | | |
|--|--|--|--|---|-------------------|---------|--|
| | | | | b) Diálogo com os alunos sobre o sentido da música. -A questão da existência de Deus. -Exercício 1 da ficha 11 do Caderno do Aluno. | Software PREZI | 10 min. | |
|--|--|--|--|---|-------------------|---------|--|



| | |
|-----------------------------|-----------------|
| LIÇÃO Nº: 13 | ANO: 9.º |
| 2ª AULA (20-01-2015) | TURMA: |

**SUMÁRIO: As várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo.
Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida.**

| Unidades de ensino | Metas Curriculares | Objetivos | Conteúdos do programa | Estratégias de ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|---|---|--|--|--|---|--|--|
| Unidade letiva 2 “Deus, o grande mistério” | A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. (domínio <i>Religião e Experiência Religiosa</i>) | 1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal. | 1. As várias formas de recusa de Deus; 2. Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida; | - Acolhimento. - Registo do sumário. - Breve diálogo sobre o ponto em que terminou a aula anterior - Visualização de um excerto do filme “Deus não está morto”. - Diálogo com os alunos sobre a problemática e exposição das várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. - Exemplos de filósofos ateus e personalidades agnósticas. - Posição crente face à existência de Deus. Visualização do 2º excerto do filme “Deus não está morto”. | Caderno diário. Computador e vídeo projetor. Vídeo Software <i>PowerPoint</i> Vídeo | 5 min. 5 min. 5 min. 10 min. 20 min. | Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; |



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



| | | | | | | | |
|--|--|--|--|---|----------------------------|--|--|
| | | | | <ul style="list-style-type: none">- Testemunho de José Mourinho “Acredito que Ele está”.- Entrega do doc. 27 do Manual do Aluno <i>Será que precisamos de Deus?</i> Convite e orientação para a leitura. | Vídeo Cópias do doc. 27 | | |
|--|--|--|--|---|----------------------------|--|--|



LIÇÃO Nº: 14

3ª AULA (27-01-2015)

ANO: 9.º

TURMA:

SUMÁRIO: As representações de Deus.

| Unidades de ensino | Metas Curriculares | Objetivos | Conteúdos do programa | Estratégias de ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|--|---|--|--|---|--|-----------------------|--|
| Unidade letiva 2 “Deus, o grande mistério” | C. Identificar o núcleo central das várias tradições Religiosas. (domínio <i>Religião e Experiência Religiosa</i>) | 1. Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré. | 1. Representações de Deus no Antigo Testamento: Judaísmo. 2.O Deus de Jesus Cristo: Cristianismo. | - Acolhimento. - Registo do sumário. | Caderno diário Software <i>PowerPoint</i> | 5 min. | Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; |
| | | | | - Diálogo com os alunos sobre a leitura do doc. 27 <i>Será que precisamos de Deus</i> como síntese da aula anterior. | | 5 min. | |
| | | | | - Trabalho e leitura em grupo das páginas 72 e 73 do Manual do Aluno. - Como síntese da leitura realizar o exercício 1 da ficha 14 do Manual do Aluno. - Diapositivos com a explicação e correção do exercício. | Cópias das páginas do Manual e do exercício Software <i>PowerPoint</i> | 10 min. 5 min. | |
| | | | | - Trabalho e leitura em grupo das páginas 75 e 76 do Manual do Aluno. | Cópias das páginas do Manual e do exercício | 10 min. | |



| | | | | | | | |
|--|--|--|--|---|-------------------------------|--------|--|
| | | | | <ul style="list-style-type: none">- Como síntese da leitura um exercício de alíneas proposto pelo professor.- Diapositivos com a explicação e correção do exercício.- Apresentação de diversas representações de Deus, umas mais benignas, outras menos benignas (Doc. 35) através de um jogo adaptado “Quem quer ser jovem”. | Software <i>PowerPoint</i> | 5 min. | |
| | | | | | Software <i>PowerPoint</i> | 5 min. | |



LIÇÃO Nº: 15

4ª AULA (03-02-2015)

ANO: 9.º

TURMA:

SUMÁRIO: As representações de Deus na arte

| Unidades de ensino | Metas Curriculares | Objetivos | Conteúdos do programa | Estratégias de ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|---|--|--|-------------------------------------|--|---|---------|--|
| Unidade letiva 2 “Deus, o grande mistério” | J. Descobrir a simbólica cristã (domínio <i>Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida</i>) | 1. Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã; | 1. A imensidão e a bondade de Deus; | - Acolhimento. - Registo do sumário. | Caderno diário Computador e vídeo projetor. | 5 min. | Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; |
| | | | | - Projeção de uma citação de Bento XVI; - Fazer perceber a criação artística como caminho para o Transcendente, para o Mistério último, para Deus. | Software <i>PowerPoint</i> | 10 min. | |
| | | | | - Apresentação do suplemento "A Igreja necessita da arte" do dia 8 de Janeiro de 2015 destacando a entrevista do ator João Ricardo "Tenho a certeza que sou imensamente protegido". - Destacar que através do teatro, da televisão, do cinema podemos | Suplemento do <i>Jornal Diário do Minho</i> Software <i>PowerPoint</i> | 20 min. | |



| | | | | | | | |
|--|--|--|--|---|--|----------------|--|
| | | | | <p>chegar até Deus.</p> <ul style="list-style-type: none">- Apresentação de outro suplemento “Das Catacumbas aos murais: a arte do graffiti”.- “Pintar Deus em Graffiti” destacando a pintura, a escultura e a arquitetura.- Exercício síntese através de um jogo adaptado “Quem quer ser jovem”. | <p>Suplemento do <i>Jornal Diário do Minho</i></p> <p>Software <i>PowerPoint</i></p> | <p>10 min.</p> | |
|--|--|--|--|---|--|----------------|--|



LIÇÃO Nº: 16

5ª AULA (10-02-2015)

ANO: 9.º

TURMA:

SUMÁRIO: A fé cristã como experiência de encontro e compromisso de vida

| Unidades de ensino | Metas Curriculares | Objetivos | Conteúdos do programa | Estratégias de ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|---|--|---|--|---|---|---|--|
| Unidade letiva 2 “Deus, o grande mistério” | B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história (domínio <i>Religião e Experiência Religiosa</i>) | 1. Destacar a bondade e a grandeza de Deus; | A fé cristã: 1. Uma experiência de encontro; 2. Um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero; | - Acolhimento. - Registo do sumário. - Síntese oral dos conteúdos abordados na aula anterior - Projeção e leitura de um texto do Manual do Aluno (pág. 65) “Uma história de fé”. - Diálogo com os alunos sobre o que consiste a fé. - Visualização de um excerto do filme “Deus não está morto”; perceber a fé como experiência de encontro com Deus. - Visualização de um vídeo “A história de <i>Nick Vujicic</i> ” um apelo à esperança apesar das suas limitações físicas. Perceber a fé em | Caderno diário Computador e vídeo projetor. Software <i>PowerPoint</i> Software <i>PowerPoint</i> Vídeo Vídeo Software | 5 min. 5 min. 10 min. 5 min. 5 min. 5 min. | Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; |



| | | | | | | | |
|--|--|--|---|--|---|---------|--|
| | | | 3. Um apelo à construção de um mundo solidário; | Deus como uma realidade com sentido. - A fé como transformação da pessoa humana, na medida em que ela se abre ao amor e aos outros. - Visualização de um excerto do filme “A Experiência Humana”. Perceber a importância do contacto com o “outro”. | <i>PowerPoint</i> Software <i>PowerPoint</i> Vídeo | 10 min. | |
|--|--|--|---|--|---|---------|--|



LIÇÃO Nº: 17

ANO: 9.º

6ª AULA (24-02-2015)

TURMA:

SUMÁRIO: As transformações no mundo provocadas pela vivência da fé cristã.

Exemplos de vidas que contribuíram para um mundo mais solidário e fraterno.

| Unidades de ensino | Metas Curriculares | Objetivos | Conteúdos do programa | Estratégias de ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|---|---|--|--|---|--|--------|--|
| Unidade letiva 2 “Deus, o grande mistério” | I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade (domínio <i>Cultura Cristã e Visão cristã da vida</i>) | 1. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé. | Testemunhos de vidas com sentido: | - Acolhimento. - Registo do sumário. | Caderno diário Computador e vídeo projetor. Software <i>PowerPoint</i> | 5 min. | Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; |
| | | | 1. Papa Francisco; | - Síntese oral dos conteúdos abordados na aula anterior; - Visualização de um vídeo em que o Papa Francisco “pede para pararem o carro para abençoar um jovem doente”. | Vídeo | 6 min. | |
| | | | 2. S. Vicente de Paulo e a opção pelos pobres; | - Projeção e leitura do texto da página 86 do Manual; -Exercício 2 (ficha 17) como síntese; destacar os aspetos que mais despertaram atenção na vida de S. Vicente de Paulo. | Software <i>PowerPoint</i> | 7 min. | |
| | | | 3. Aristides de Sousa Mendes perante o holocausto; | - Visualização de um vídeo sobre a vida de Aristides de Sousa Mendes destacando a sua força e coragem; | Vídeo | 10min. | |



| | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|---------|--|
| | | | | <p>- Exercício 4 (ficha 17) como síntese; sublinhar o que mais impressionou os alunos na vida deste homem.</p> | Software <i>PowerPoint</i> | | |
| | | | <p>4. Papa João XXIII, o «Bom Papa»;</p> | <p>Projeção e leitura de um excerto do texto da página 88 do Manual; - Exercício 6 (ficha 17) como síntese.</p> | Software <i>PowerPoint</i> | 7 min. | |
| | | | <p>5. Fernando Santos, Seleccionador Nacional;</p> | <p>- Visualização de um vídeo de Fernando Santos, Seleccionador Nacional sobre o desporto e a fé; diálogo com os alunos. -Exercício 1 (ficha 17) para definir o conceito de solidariedade.</p> | Vídeo Software <i>PowerPoint</i> | 10 min. | |



LIÇÃO Nº: 18

7.ª AULA (03-03-2015)

ANO: 9.º

TURMA:

SUMÁRIO: Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum

Realização de uma reflexão pessoal escrita para avaliação de conhecimentos dos conteúdos lecionados.

| Unidades de ensino | Metas Curriculares | Objetivos | Conteúdos do programa | Estratégias de ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|---|---|--|--|--|---|--------|--|
| Unidade letiva 2 “Deus, o grande mistério” | I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade (domínio <i>Cultura Cristã e Visão cristã da vida</i>) | 1. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé. | 1. Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade. 2. Avaliação | - Acolhimento. - Registo do sumário. | Caderno diário Computador e vídeo projetor. Software <i>PowerPoint</i> | 5 min. | Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas; |
| | | | | - Síntese oral dos conteúdos abordados na aula anterior. - Visualização de um vídeo sobre a Madre Teresa de Calcutá. | Software <i>PowerPoint</i> | 5 min. | |
| | | | | - Apresentação da Casa de Saúde S. João de Deus – Barcelos. Diálogo com os alunos | Vídeo | 6 min. | |
| | | | | - Apresentação da <i>Caritas</i> Portuguesa. Referir que estamos na semana nacional da <i>Caritas</i> “Num só coração, uma só família humana”. - Visualização de um vídeo sobre a instituição “Uma família humana”. | Software <i>PowerPoint</i> | 7 min. | |



| | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|----------------------|--|
| | | | | <ul style="list-style-type: none">- Apresentação do banco alimentar destacando a sua história e os seus princípios comuns.- Visualização do vídeo institucional.- Reflexão pessoal sobre os conteúdos da unidade letiva. | Vídeo Software <i>PowerPoint</i> | 7 min. 15 min | |
|--|--|--|--|--|--|----------------------|--|

4. Avaliação da Unidade Letiva

Apresentadas as planificações das aulas relativas à unidade letiva “Deus, o grande Mistério” centramo-nos, agora, numa avaliação da lecionação com o objetivo de aperfeiçoar os aspetos mais frágeis, analisando os conteúdos, estratégias e recursos utilizados.

1.^a AULA

No dia 13 de janeiro de 2015, foi lecionada a **primeira aula** no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES). Foi a primeira de sete aulas planificadas para a unidade letiva “Deus, o grande Mistério”. Esta aula foi inteiramente dedicada à introdução e apresentação da unidade letiva.

No conjunto das estratégias e recursos implementados com sucesso nesta aula, destacamos: a projeção dos conteúdos em *Prezi* e os vídeos apresentados como a música "Que Deus?" interpretada por o músico português, Boss AC, conhecido e ouvido pelos jovens.

Referimos, ainda, que os objetivos foram atingidos e a planificação foi totalmente cumprida. Salientamos o interesse demonstrado pelos alunos e bom comportamento na sala de aula.

2.^a AULA

No dia 20 de janeiro lecionou-se a **segunda aula**, da qual salientamos, novamente, os bons resultados decorrentes dos recursos utilizados. O sumário passou a ser projetado no quadro com recurso ao *PowerPoint*, prática comum em todas as aulas, facilitando a introdução aos conteúdos abordados. No primeiro momento, esta aula centrou-se na apresentação de algumas formas da recusa de Deus. No segundo momento, os alunos contactaram com o acreditar em Deus.

Destacamos, de modo muito positivo, os excertos do filme "Deus não está morto". Através dos vídeos os alunos conseguiram atingir facilmente os objetivos propostos. Perceberam que cada um é livre de escolher e de decidir e que as razões para acreditar em Deus não são demonstrações científicas, mas aspetos que convidam as pessoas a acreditar em Deus e confiar no sentido último da vida.

Referimos, ainda, que as metas curriculares foram atingidas, os objetivos alcançados e a planificação cumprida. Como ponto a melhorar, salienta-se a necessidade de estimular a participação mais ativa por parte de alguns alunos. Salientamos mais uma

vez o interesse demonstrado pelos alunos o que ajudou a desenvolver um bom ambiente de ensino/aprendizagem na sala de aula.

3.^a AULA

A **terceira aula**, lecionada a 27 de janeiro, teve como objetivo conhecer as representações de Deus: Deus no Antigo Testamento e o Deus de Jesus Cristo. Diversificadas as estratégias a aula tornou-se mais atrativa para os alunos. A disposição da sala permitiu um trabalho em grupo. A estratégia da correção dos exercícios através da apresentação em *PowerPoint* cativou a atenção dos alunos. Destacamos, também, o recurso utilizado para a conclusão desta aula, o jogo “Quem quer ser Jovem”.

Referimos, ainda, que as metas curriculares foram atingidas, os objetivos alcançados e a planificação cumprida. Salientamos a motivação e a curiosidade dos alunos para os conteúdos abordados.

4.^a AULA

A **quarta aula**, lecionada a 27 de janeiro, teve como objetivo dar a conhecer aos alunos o património artístico-religioso como caminho para o transcendente, o Mistério último, Deus.

Destacamos os recursos utilizados nesta aula: uma recolha de suplementos da *Igreja Viva* do *Jornal Diário do Minho* e uma apresentação em *PowerPoint*. Os suplementos que mais chamaram a atenção dos alunos foram: a entrevista do ator João Ricardo "Tenho a certeza que sou imensamente protegido". E o suplemento – *Das Catacumbas aos murais: a arte do graffiti* – do dia 15 de janeiro de 2015. Através deste suplemento – *Pintar Deus em Graffiti* – falamos da pintura, da escultura e arquitetura. Os alunos ficaram bastante surpreendidos e motivados, percebendo que a transmissão da fé pode ser feita de variadas formas, contactando com as diversas formas de expressão. Como conclusão, continuamos o jogo “Quem quer ser jovem” iniciado da aula anterior.

Referimos, ainda, que as metas curriculares foram atingidas, os objetivos alcançados e a planificação cumprida. Salientamos que o professor conseguiu cativar os alunos proporcionando uma participação mais ativa.

5.^a AULA

A **quinta aula**, lecionada a 10 de fevereiro, teve como conteúdo central *A fé cristã*. Num primeiro momento falamos da *fé como uma experiência de encontro*. Destacamos o vídeo utilizado sobre a história de Nick Vujicic. Através do seu testemunho os alunos conseguiram perceber que a fé não é uma atitude irracional, mas que se traduz na confiança em Deus e num conseqüente compromisso de vida.

Partindo do mesmo exemplo de Nick abordados o conteúdo – *a fé como um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero*. Neste momento, recuperamos o filme "Deus não está morto" apresentado na segunda aula e apresentamos outro excerto. A partir deste exemplo foi explicado aos alunos que a experiência de finitude é universal e que pode parecer absurda se não acreditarmos num sentido último, num amor que ultrapassa os limites dos poucos anos que vivemos.

O último conteúdo abordado foi – *a fé como um apelo à construção de um mundo que transforma a pessoa humana quando ela se abre ao amor e aos outros*. Salientamos o excerto do documentário “A Experiência Humana”. Dois jovens irmãos, Cliff e Jeff Azize, viajam pelo mundo procurando respostas para as questões tão existenciais como: *Quem é o Homem? Quem sou eu? Qual o sentido da vida?* Os alunos ficaram bastante sensibilizados com a coragem destes dois irmãos.

Referimos, ainda, que as metas curriculares foram atingidas, os objetivos alcançados e a planificação cumprida. Salientamos a curiosidade dos alunos e a participação ativa.

6.^aAULA

A **sexta aula**, lecionada a 24 de fevereiro, teve como conteúdos centrais as transformações no mundo provocadas pela vivência da fé cristã e foram apresentados alguns exemplos de vidas que contribuíram para um mundo mais solidário e fraterno.

Dos recursos utilizados destacamos a estratégia de sintetizar os conteúdos apresentados através de alguns exercícios do Caderno do Aluno. A correção foi projetada e realizada através de uma apresentação em *PowerPoint*.

Sublinhamos que os exemplos escolhidos para apresentar as vidas que contribuíram para um mundo mais solidário e fraterno não corresponderam às características da turma. Na planificação deveríamos ter em conta os exemplos abordados de forma a tornar a aula mais produtiva e motivadora.

Contudo, as metas curriculares foram atingidas, os objetivos alcançados e a planificação cumprida. Além de estarem menos motivados para os conteúdos os alunos realizaram todos os exercícios com sucesso e mantiveram um comportamento exemplar.

7.ª AULA

A **sétima e última aula**, lecionada a 3 de Março, teve como conteúdo central as instituições cristãs empenhadas no bem comum. E num segundo momento da aula para dar cumprimento aos critérios de avaliação os alunos elaboraram uma reflexão pessoal sobre as aulas.

Destacamos como recursos utilizados a apresentação em *PowerPoint* que serviu de suporte a toda a planificação. Salientamos a apresentação da *Caritas* Portuguesa através de um vídeo “Uma família humana” e a apresentação do Banco Alimentar destacando a sua história e os seus princípios comuns através da visualização do vídeo institucional. Assim os alunos perceberam que os princípios do banco alimentar acentuam a dádiva, a partilha e a luta contra o desperdício dos produtos alimentares. Por si mesmos chegaram à conclusão que a fé não é algo que apenas se situa ao nível do transcendente, mas que tem uma consequência muito prática e muito enraizada na vida das pessoas.

Relativamente à avaliação da unidade letiva por parte dos alunos foram distribuídas folhas pelos alunos e foi pedido que cada um realizasse uma reflexão pessoal sobre as aulas, tendo presente os conteúdos abordados, os recursos utilizados e as várias estratégias desenvolvidas na aula.

Referimos, ainda, que as metas curriculares foram atingidas, os objetivos alcançados e a planificação cumprida. Salientamos a forma e o apreço demonstrado por parte dos alunos e do professor pelo tempo que passamos juntos.

5. Síntese

Num balanço final de todo o processo de planificação e de lecionação é importante salientarmos os maiores desafios enfrentados, pois a experiência de lecionação era bastante reduzida. Por um lado, foi difícil gerir a quantidade de materiais que disponhamos para a preparação e planificação das aulas. A planificação foi feita com o máximo rigor, segundo aquilo que considerámos necessário e ajustado à realidade da turma. Além disso, tivemos em conta a adequação aos novos conteúdos e ao novo Programa de EMRC que constituiu um grande desafio.

O cumprimento na totalidade dos conteúdos planejados não correspondeu à nossa excessiva preocupação de cumprir ao “minuto” a planificação de cada aula, pelo contrário, foi o ritmo da turma e o espaço dado aos alunos para se expressarem que proporcionaram um bom ambiente de ensino/aprendizagem.

Em relação às estratégias e aos recursos selecionados e utilizados salientamos que serviram para motivar e cativar os alunos para a Unidade Letiva em questão. Na verdade, através dos recursos utilizados conseguimos chegar mais rápido às interrogações dos alunos, proporcionando maior reflexão e discernimento.

Por outro lado, a participação, a atenção e o bom comportamento dos alunos foram essenciais para a boa gestão da sala de aula que se enquadrou na totalidade da planificação.

Em suma, esta experiência apesar de extenuante, em alguns momentos, foi muito gratificante e motivadora. Foi uma oportunidade única para aprofundar com os colegas do núcleo de estágio estratégias, recursos e experiências que nos serão muito úteis no futuro próximo. E acima de tudo fica a aprendizagem de que cada aluno, à sua maneira e ao seu jeito, consegue sempre surpreender-nos.

CONCLUSÃO

Roger Garaudy diz que sim, temos, de facto, necessidade de Deus, presença em cada um de nós da exigência de procurar o sentido da vida, de ser responsável por descobri-lo e por realizá-lo. Esta frase de autor traduz, de forma sintética e expressiva, a conclusão a que chegamos, após a reflexão da Unidade Letiva – Deus, o grande Mistério.

Apesar da aparente indiferença da sociedade para o Mistério de Deus o ser humano ainda agora manifesta a necessidade de Deus. Neste sentido, a disciplina de Educação Moral Religiosa Católica apresenta-se como fundamental para uma educação integral do ser humano, proporcionando reflexão e conhecimento acerca da questão de Deus e do sentido da vida.

São particularmente elucidativas, as palavras do teólogo contemporâneo Juan Martin Velasco em relação às condições para o encontro entre a pessoa humana e o Mistério de Deus. Apesar das diferenças ontológicas entre Deus e a pessoa humana, este encontro pode acontecer de tal forma que é capaz de provocar uma profunda alteração concreta na vida da pessoa humana, sem que isso comprometa a transcendência absoluta de Deus. Tal como Roger Garaudy diz: é o Deus autenticamente transcendente, isto é, que não pode ser medido pelo ser humano e do qual nenhuma comunidade religiosa pode possuir a verdade total.

Este encontro só é possível quando existe liberdade interior, criatividade e disponibilidade. Mediante a fé percebemos a diferença ontológica, pois aparece como interpelação ao ser humano, uma vez que o convida ao descentramento de si e das suas realidades para se central no transcendente. É uma interpelação que compromete o ser humano todo, porque através da fé o ser humano experimenta o mistério na medida em que é dado por Deus. Portanto, a experiência de Deus não é outra coisa que a própria experiência da fé. Mediante a fé conhecemos o Mistério de Deus.

Essa foi a nossa pretensão ao longo da lecionação, sabendo que Deus está para além de todo o conhecimento, procuramos transmitir um saber capaz de levar os nossos alunos a questionar-se, a refletir e adentrar-se neste Mistério de Amor que é Deus e que se revela totalmente em Jesus Cristo.

A experiência da lecionação proporcionou-me o desenvolvimento de competências pedagógicas e didáticas que serão aplicadas enquanto docente, para proporcionar uma maior interação e aprendizagem com os alunos. Tendo em conta as

características da turma, tive o cuidado de utilizar e adaptar os recursos na preparação das aulas de forma a criar um bom ambiente de ensino/aprendizagem.

Para além destes aspetos, realço o contacto com os alunos e o conhecimento mais aprofundado acerca das suas interrogações, os quais demonstraram entusiasmo, curiosidade e motivação sobre os conteúdos abordados.

BIBLIOGRAFIA

1. Bíblia

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Missionários Capuchinhos.

2. Documentos do Magistério da Igreja

PAPA FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de junho de 2013) in *AAS* 113, 5 (2013) 555-596.

PAULO VI, Declaração *Gravissimum Educationis* (28 de outubro de 1965) in *AAS* 58 (1966) 728-739.

3. Documentos da Conferência Episcopal Portuguesa

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade” in *Pastoral Catequética*, nº5, 2006, 7-16.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal – Educação integral da pessoa humana*, Carta Pastoral 3, 2008.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2002.

4. Dicionários

FERREIRA, António, *Dicionário de Latim-Português*, Porto Editora, Porto, 1983.

5. Bibliografia específica

AA. VV, *Horizontes de Esperança, Manual do Aluno 9º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição Fundação do Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2010.

- COUTINHO, Jorge, *Caminhos da Razão no Horizonte de Deus – Sobre razões de crer*, Edições Tenacitas, Coimbra, 2010.
- IZQUIERDO, César, *Creo, Cremos ¿Qué es la fe?*, Rialp, Madrid, 2008.
- KASPER, Walter, *El Dios de JesuCristo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2011.
- KASPER, Walter, *Introdução à fé*, Livraria Telos Editora, Porto, 1973.
- KASPER, Walter, *Jesus el Cristo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2006.
- LIBÂNIO, João, *Eu creio, nós cremos. Tratado da fé*, Loyola, Brasil, 2000.
- MORALES, José, *La experiencia de Dios*, Rialp, Madrid, 2007.
- NOLAN, Albert, *Jesus hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical*, Paulinas, Prior Velho, 2008.
- RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, Principia, Cascais, 2005.
- VELASCO, Juan , *La experiencia Cristiana de Dios*, Editorial Trotta, Madrid, 1973.

6. Bibliografia geral

- AGUILAR, Fernando, *La fe que nos salva*, Sígueme, Salamanca, 2012.
- ARENDS, Richard, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995.
- BALTASAR, Hans Urs Von, *La oración contemplativa*, Encuentro, Madrid, 1985.
- BALTHASAR, Hans Urs Von, *Gloria: una estética teológica. La percepción de la forma*, Ediciones Encuentro, Madrid, 1985.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.
- CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Cascais, Editora Principia, 2005.
- COUTO, António, “Deus-Pai no Antigo Testamento, nos escritos judaicos antigos e no Novo Testamento, in *Como uma Dádiva. Caminhos de Antropologia bíblica*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2002.
- DUQUE, João Manuel, “Ambiguidades da secularização entre modernidade e pós-modernidade”, in *Comunicação e Cultura* 11 (2011), 19-35.

- DUQUE, João Manuel, *Homo credens: para uma teologia da fé*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004.
- DUQUE, João, “Sobre a Educação Integral do Ser Humano” in *Pastoral Catequética*, nº 26, 2013, 11-21.
- FERNANDEZ RAMOS, Felipe, “Evangélio Según S. Juan”, in *Santiago Guijarro Oporto*, Miguel Salvador García, Comentário al Nuevo Testamento, Casa de la Biblia, Estella, 1995.
- FREIRE, Paulo, “A Educação e o Processo de Mudança Social”, in *Educação e Mudança*, Paz e Terra, S. Paulo, 1988.
- FREIRE, Paulo, *A Pedagogia do Oprimido*, Paz e Terra, S. Paulo, 2003.
- GADAMER, Hans-Georg, *Verdad y método*, Sigüeme, Salamanca, 1979.
- GARAUDY, Roger, “Será que precisamos de Deus?” in AA. VV., *Horizontes de Esperança, Manual do Aluno 9º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição Fundação do Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2010.
- GARCÍA, Juan, *Fe y experiencia cristiana: La Teología de Jean Mouroux*, Universiade de Navarra, Pamplona, 2002.
- HAUGHT, John, *Cristianismo e Evolucionismo*, Gradiva, Lisboa, 2009, 195.
- JACQUARDT, Albert, *A herança da liberdade*, Lisboa, 1988.
- KERKHOF, Jan, “Perspetivas ou tendências da educação na Europa” in AA. VV., *VIII Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1998.
- MESTERS, Carlos, *Com Jesus na Contramão*, Paulinas, Lisboa, 1984.
- RENAUT, Alain, *A era do indivíduo*, Instituto Piaget, Lisboa, 1989, 29.
- SAVATER, Fernando, *O Valor de Educar*, Editorial Presença, Lisboa, 1997.
- SERRALHEIRO, Deolinda, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, Editora Rei dos Livros, 1990.
- SERRALHEIRO, Deolinda, *O acto educativo religioso e moral*, Edição do Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1993.
- TAYLOR, Charles, *A Era Secular*, Unisinos, São Leopoldo, 2010.

- TERRA, Domingos, “A decisão da fé na cultura das preferências individuais”, in *Didaskalia* 36/1 (2006), 171-189.
- TERRA, Domingos, “Experiência cristã: especificidade e equívocos: A propósito da expressão «viver pelo Espírito» (Gal 5,25)”, in *Didaskalia* 38/1 (2008), 89-112.
- TERRA, Domingos, “Experiência transcendental e existência concreta, explorando o pensamento de Karl Rahner”, in *Didaskalia* 37/1 (2007), 177-196.
- TOMAZ NUNES, “O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição do Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2005.
- TRÜTSCH, Josef, e PFAMMATTER, Josef, “Explicacion teologica de la fe”, in AA. VV., *Mysterium salutis*, vol I, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1969, 887-971.
- VARANDA, Isabel, “Animismo, teocracia, democracia: o processo de ‘desencantamento do mundo’ como referencial ambíguo da modernidade” in *Didaskalia* 38:2 (2008).
- VELASCO, Juan, *A transmissão da fé na sociedade contemporânea*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2005.
- WARD, Keith, *Deus, o Acaso e a Necessidade*, Publicações Europa-América, Lda., 1998.

7. Netgrafia

- BENTO XVI, *Discurso por ocasião do encontro com os Artistas na Capela Sistina*, (21 de Novembro de 2009), disponível no site do vaticano (http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2009/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20091121_artisti.html) em 12 de Maio de 2015.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, Artigo 26º, n.º2. Documento consultado no site da Organização das Nações Unidas (www.ohchr.org), em 5 de Março de 2015.

ANEXOS

Apresentamos em anexo os materiais didáticos utilizados e desenvolvidos durante a leção desta unidade letiva. Todas as apresentações em *Prezi* ou *PowerPoint* foram elaboradas de acordo com as características da turma. Os vídeos apresentados foram previamente selecionados e editados em conformidade com os conteúdos do programa.

Anexo I – Materiais pedagógico-didáticos utilizados na primeira aula



Figura 1 – Apresentação em Prezi de introdução à unidade “Deus o grande Mistério”.
Retirado de <https://prezi.com/htvl3yos3kja/deus-o-grande-misterio/>



Figura 2 – Frases de Nelson Mandela e Onassis.

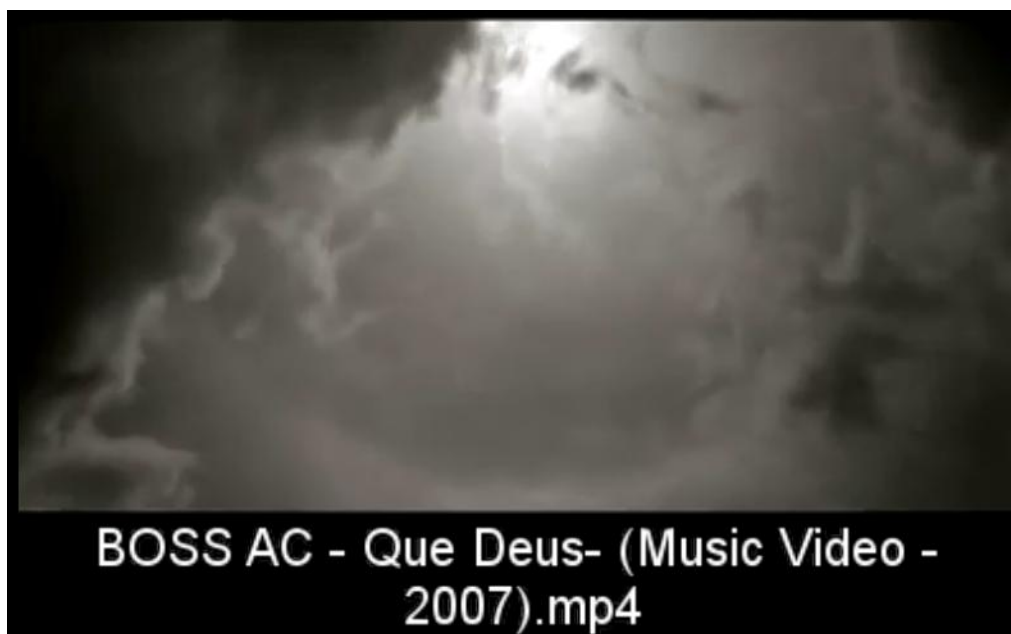


Figura 3 – Vídeoclip da música “Que Deus?” do músico português Boss AC. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=VSTGhKsvqkE>.

- A questão de Deus é uma questão humana fundamental. De uma forma ou de outra, todas as pessoas, questionando-se sobre si mesmas, sobre o sentido das suas vidas, acabam por levantar a questão de Deus.
- A questão do Transcendente, da Divindade, do Sagrado, é uma realidade humana e universal.
- Sujeitas às mais variadas situações existenciais, como a experiência do sofrimento, da finitude, da ausência de sentido, ou, pelo contrário, a experiência do encontro, da verdade, da felicidade, as pessoas acabam por se interrogar sobre a existência de Deus.
- O ser humano é um ser religioso.
- Desde sempre os povos procuraram respostas às questões profundas da existência humana: qual a origem de todas as coisas? Qual o destino último de toda a realidade? Fará sentido a vida humana perante a morte? Poderemos esperar o triunfo do bem sobre o mal?
- É diante destas questões que Deus surge como a origem primeira e o fim último, no qual se encontra a bondade sem limites e a esperança de uma felicidade sem ocaso.

Figura 4 – Texto do Manual do Aluno, página 51.

Anexo II - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na segunda aula.

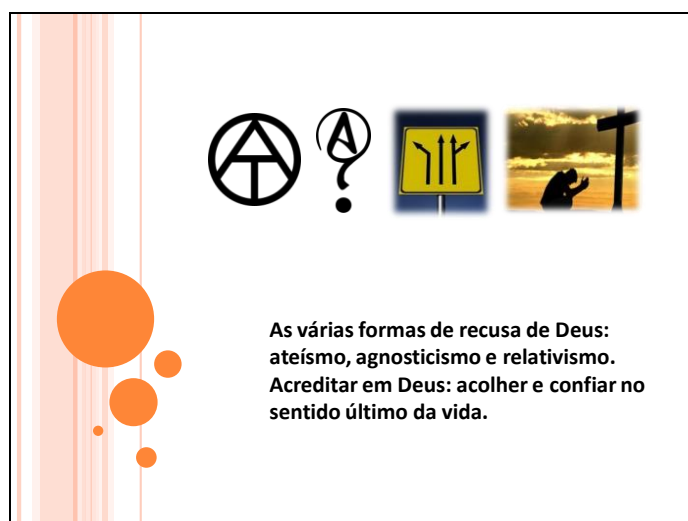


Figura 1 – Sumário da segunda aula.

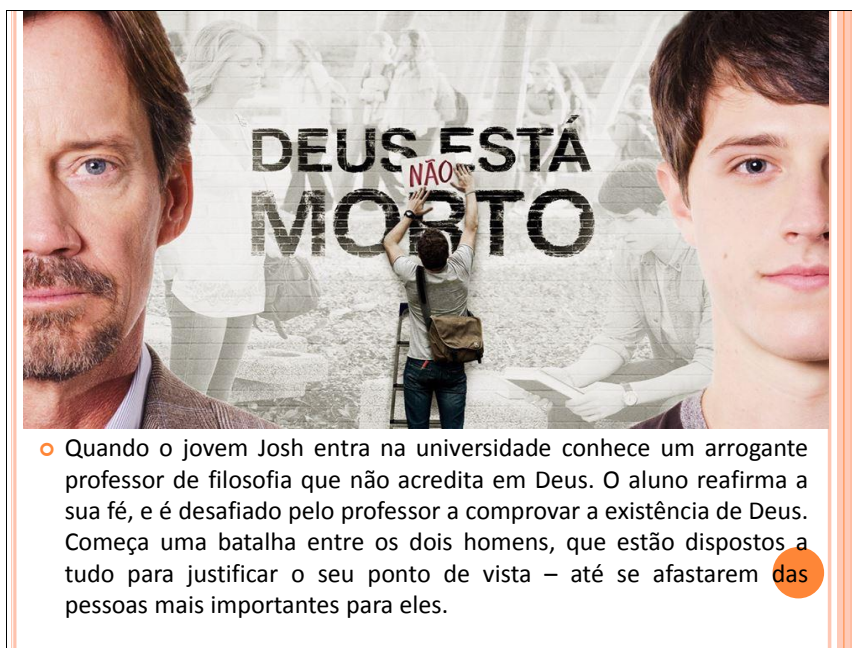



Figura 2 – Resumo do filme “Deus não está morto” apresentado em excerto.

| | |
|---|---|
| <p>ATEÍSMO – A (NEGAÇÃO) + <i>THEOS</i> (DEUS) </p> <ul style="list-style-type: none">Esta palavra, de origem grega, significa literalmente «sem deus». É uma posição filosófica que nega categoricamente a existência de Deus ou qualquer outra divindade.Esta afirmação da não existência de Deus pode-se enquadrar no plano racional (ateísmo teórico), ou também no plano prático, ao viver como se Deus não existisse (ateísmo prático).O ateísmo teórico tem muitas variantes. De um modo geral, radica numa conceção materialista da realidade (nada há para além daquilo que se pode observar, ou seja, do mundo material). Alguns consideram que o sofrimento humano é insuperável e a existência de Deus é incompatível com o facto de haver sofrimento. | <ul style="list-style-type: none">O ateísmo prático é a atitude das pessoas que vivem sem qualquer referência a Deus, indiferentes à questão sobrenatural. Vivem como se Deus não existisse, e não se interessam pelas questões teóricas relacionadas com esta problemática.«O ateísmo é uma opção filosófica de quem se assume responsável pelos seus atos e pela sua forma de viver, de quem dá valor à sua vida e à dos outros, de quem cultiva a razão e confia no método científico para construir modelos da realidade e de quem não remete as questões do bem e do mal para seres hipotéticos, nem para a esperança de uma existência após a morte.» Associação Ateísta Portuguesa. |
|---|---|

| | |
|---|---|
| <p>FILÓSOFOS ATEUS</p>  <ul style="list-style-type: none"> ◦ Jean Paul Sartre (1905 – 1980) – filósofo francês existencialista, acreditava que os intelectuais tinham de desempenhar um papel ativo na sociedade. Por isso, apoiou causas políticas de esquerda com a sua vida e a sua obra. Recusou o prémio Nobel da literatura em 1964. Considerava a vida algo tão absurdo, por causa do sofrimento e da morte, que Deus não pode existir. ◦ Sigmund Freud (1856 – 1939) – médico neurologista austríaco, fundador da psicanálise. A sua teoria de que somos movidos pelo inconsciente revolucionou a psicologia. <u>Considerava que Deus é uma projeção dos desejos humanos.</u> ◦ Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) – filósofo alemão, escreveu, entre muitas obras, <i>Assim falava Zaratustra</i>. Ficou conhecido por ter declarado a «morte de Deus» na civilização ocidental. <u>Considerava que Deus era um instrumento de fuga diante da tragédia da vida.</u> | <p>AGNOSTICISMO – A (NEGAÇÃO) + GNOSE (CONHECIMENTO)</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ É uma palavra de origem grega que significa literalmente «ignorância», «desconhecimento». É uma teoria filosófica que afirma a impossibilidade de o ser humano conhecer Deus, sendo, portanto, impossível pronunciar-se sobre a sua existência. ◦ O agnosticismo opõe-se ao teísmo (crença num deus pessoal) por considerar que o conhecimento humano não tem qualquer possibilidade de aceder a Deus e opõe-se ao ateísmo porque também não encontra razões para negar pura e simplesmente a sua existência. É, pois, uma atitude cética, na qual a dúvida leva o ser humano a suspender o juízo acerca de Deus. ◦ Para muitos agnósticos é impossível ao entendimento humano conhecer Deus porque ele se encontra para além das possibilidades dos métodos empíricos de comprovação científica. |
| <p>PERSONALIDADES AGNÓSTICAS</p>  <ul style="list-style-type: none"> ◦ Albert Camus, escritor francês do século XX - «Tenho consciência do sagrado, do mistério que há no ser humano, e não vejo porque não confessar a emoção que sinto diante de Cristo e do seu ensinamento...sinto grande respeito diante de Cristo, mas não creio na sua ressurreição. ◦ José Saramago, escritor português, prémio Nobel da literatura - «Não sou um ateu total, todos os dias tento encontrar um sinal de Deus, mas infelizmente não o encontro.» ◦ Antero de Quental, poeta português do século XIX - «Virou-se para Deus minha alma triste!/ Amortalhei na Fé o pensamento,/ E achei a paz na inércia e esquecimento.../Só me falta saber se Deus existe!» | <p>RELATIVISMO</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ O relativismo é a recusa de qualquer proposição filosófica ou ética de valor universal e absoluto. Tudo o que se diga ou faça é relativo ao lugar, à época e demais circunstâncias nas quais o homem se encontra; ◦ Limita o valor do conhecimento ao campo da investigação experimental e considera as questões metafísicas inacessíveis ao espírito. |
|  | <p>ACREDITAR EM DEUS...</p>  <ul style="list-style-type: none"> ◦ Mas será que precisamos de Deus? |

Figura 3 – Apresentação de PowerPoint sobre ateísmo, agnosticismo e relativismo.



Figura 4 – Vídeo da entrevista “Deus e a Carreira de Sucesso” a José Mourinho.

Retirado de https://www.youtube.com/watch?v=_vrlKWkXvrs

Anexo III - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na terceira aula.

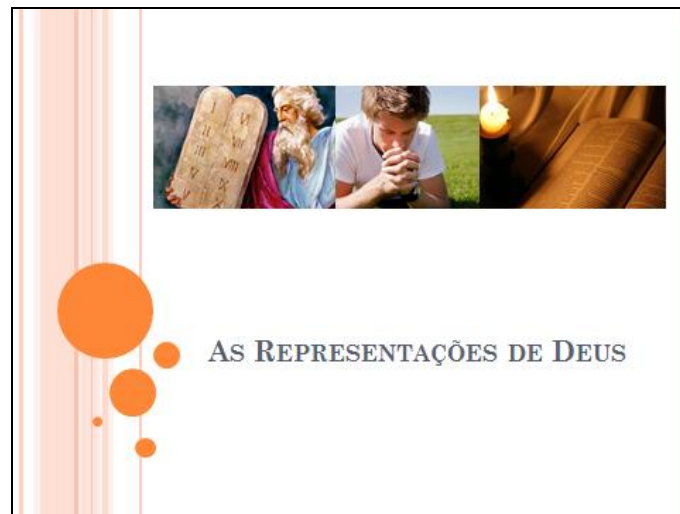


Figura 1 - Sumário da terceira aula.

REPRESENTAÇÃO DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

Assinala as alíneas que correspondem à caracterização de Deus no **Antigo Testamento** (MA 72-73).


- a) Israel acreditava em várias divindades.
- b) Deus é puro espírito; não pode ser representado em imagens.
- c) Deus pode ser identificado com as forças da natureza.
- d) Deus é santo, o que significa que não se relaciona com o mundo.
- e) Deus é misterioso.
- f) Deus é alguém com quem se pode conversar.
- g) Deus não estabeleceu alianças com nenhum povo.
- h) Deus está presente e atuante na história humana.
- i) Deus revelou imediatamente e totalmente a sua verdadeira identidade ao povo de Israel.
- j) O Deus de Israel é um Deus nacional que, pouco a pouco, o povo descobre ser também o Deus de todos os povos.
- k) Deus aparece com algumas características negativas (por exemplo, guerreiro) que só o Novo Testamento acaba por eliminar.



REPRESENTAÇÃO DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

Assinala as alíneas que correspondem à caracterização de Deus no **Antigo Testamento** (MA 72-73).


- a) Israel acreditava num só Deus.
- b) Deus é puro espírito; não pode ser representado em imagens.
- c) Deus não pode ser identificado com as forças da natureza.
- d) Deus é Santo, mas relaciona-se com o mundo.
- e) Deus é misterioso.
- f) Deus é alguém com quem se pode conversar.
- g) Deus estabeleceu alianças com o povo de Israel.
- h) Deus está presente e atuante na história humana.
- i) Deus foi revelando progressivamente a sua verdadeira identidade ao povo de Israel.
- j) O Deus de Israel é um Deus nacional que, pouco a pouco, o povo descobre ser também o Deus de todos os povos.
- k) Deus aparece com algumas características negativas (por exemplo, guerreiro) que só o Novo Testamento acaba por eliminar.



O DEUS DE JESUS CRISTO

Assinala as alíneas que correspondem à caracterização do Deus de Jesus Cristo.

- a) Jesus purifica definitivamente a imagem de Deus.
- b) Ele é um Deus bom.
- c) Pai de todos, exceto dos pecadores.
- d) Ama a todos com amor infinito.
- e) Perdão e Misericórdia.
- f) Salva apenas quem bem entende.
- g) Garante de uma vida em plenitude.
- h) Mágico.
- i) Juiz arbitrário que julga de acordo com o seu humor.



O DEUS DE JESUS CRISTO

Assinala as alíneas que correspondem à caracterização do Deus de Jesus Cristo.

- a) Jesus purifica definitivamente a imagem de Deus.
- b) Ele é um Deus bom.
- c) Pai de todos, mesmo dos pecadores.
- d) Ama a todos com amor infinito.
- e) Perdão e Misericórdia.
- f) Salva todo e ser humano.
- g) Garante de uma vida em plenitude.
- h) Não é um Deus salva-vidas ou tapa-buracos.
- i) É um Deus que nos liberta dos medos, frustrações e debilidades.



AS REPRESENTAÇÕES DE DEUS

- Apesar de o conhecimento humano ser limitado e, por isso, ninguém conseguir conhecer Deus em toda a sua plenitude, as pessoas, os povos e as religiões têm diversas representações de Deus, umas mais benignas, outras menos benignas.
- No entanto, para a Bíblia e sobretudo para Jesus, Deus é fundamentalmente Pai. Um ser que não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva. Um Deus que «faz nascer o Sol sobre os bons e sobre os maus e faz cair a chuva sobre os justos e sobre os pecadores». É um Deus que ama os seus filhos tal como eles são.

Figura 2 – Exercícios realizados na aula.



Figura 3 – Jogo “Quem quer ser jovem”

Anexo IV – Materiais pedagógico-didáticos utilizados na quarta aula.



Figura 1 – Sumário da quarta aula.

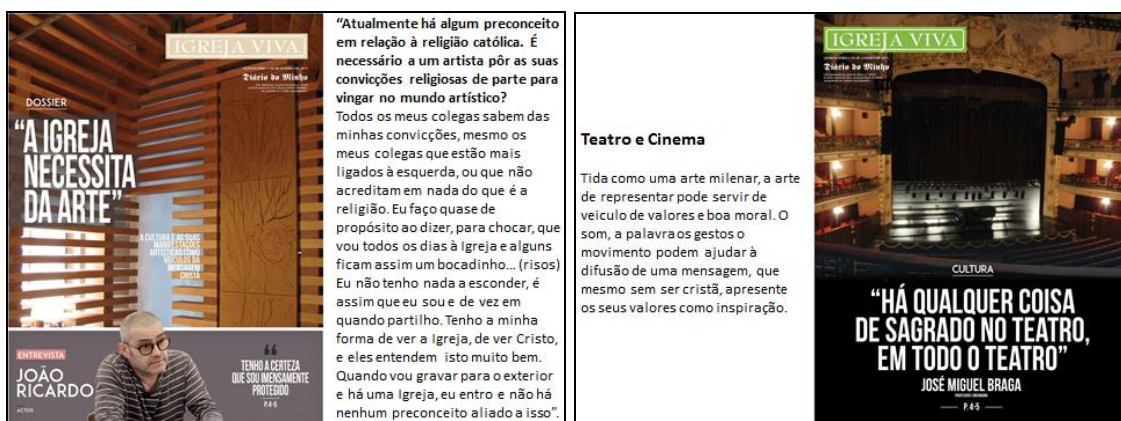


Figura 2 – O suplemento “A Igreja necessita da Arte” da Igreja Viva do *Jornal Diário do Minho*; E o suplemento “Há qualquer coisa de sagrado no teatro, em todo o teatro”.

| Pintar Deus em graffiti | Graffiti e vandalismo | Graffiti e religião |
|--|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • “Deus e o cristianismo foram sempre temas recorrentes no mundo da arte. Habitámo-nos a ver pinturas e afrescos belíssimos, que, com técnicas requintadas e unanimemente reconhecidas, adornaram espaços sagrados, igrejas, capelas, museus. • Se pensarmos em pinturas que ilustrem a mensagem de Deus, muito provavelmente as últimas de que nos lembramos são aquelas que envolvem latas de “spray”. Sim, estamos a falar de graffiti. • A técnica adquiriu associações pejorativas e poucos serão aqueles que conseguirão imaginá-la como capaz de acrescentar valor no campo religioso. No entanto, alguns exemplos têm surgido e demonstram-nos precisamente que esta arte pode ser uma forma de nova evangelização num contexto urbano”. | <ul style="list-style-type: none"> • “Importa, primeiro, distinguir o graffiti do vandalismo. O graffiti, enquanto praticado em património material de outrem sem a sua autorização, é ilegal. Pode, por isso, ser considerado vandalismo, e punível por lei. Em Portugal, os valores da sanção podem ir até aos 25 mil euros. • Quem desejar fazer um graffiti terá, obrigatoriamente, que pedir autorização à câmara municipal. Por outro lado, isto significa que há determinados contextos em que o graffiti pode ser uma via de expressão legal”. | <ul style="list-style-type: none"> • “A transmissão da fé não tem de acontecer apenas através de palavras e orações. • Também as imagens, como já referimos, podem ser poderosos veículos para espalhar a mensagem de Cristo. • E a Igreja nunca foi adversa a esta ideia”. |



No início do ano 2012, o padre Ramon Mor decidiu convidar o artista Rudi, perito em murais, para decorar a cúpula da igreja paroquial de Santa Eulália de Provençana, na Catalunha. O desafio foi prontamente aceite e Rudi, juntamente com outro colega, procurou adaptar as suas técnicas ao estilo próprio de uma temática religiosa e à peculiaridade do "mural". O trabalho consistia em imagens da Virgem Maria, Jesus Cristo, a padroeira da igreja, Santa Eulália, e uma família que simbolizava os fiéis do bairro operário. As imagens foram feitas com "spray" e alguns traços com pincéis.



Quando uma igreja relativamente nova, construída em 1961, caiu em desuso em 2005, a diocese de Freiburg, na Alemanha decidiu vendê-la. Os paroquianos não concordaram e angariaram os fundos necessários a uma renovação completa. Entretanto, Stefan Strumbel, artista e "graffiter", propôs embelezar o interior da igreja com a sua arte. A ideia era "a arte de rua ir à Igreja". O conceito foi aprovado e neste momento o interior da Igreja encontra-se preenchido com imagens que recorreram à técnica do graffiti, incluindo uma imagem da Virgem Maria em trajes locais.



- O catalão **Antoni Placid Gaudí** (1852-1926)
- Foi arquiteto e um dos maiores símbolos da cidade de Barcelona. Artista modernista e cristão convicto, quis que a sua obra principal - a **igreja da Sagrada Família**, em Barcelona - exprimisse a grandeza, a harmonia e a vitalidade do Criador.
- Dedicou quarenta anos da sua vida a esta obra monumental

Figura 3 - Apresentação de PowerPoint sobre as Representações de Deus na Arte.

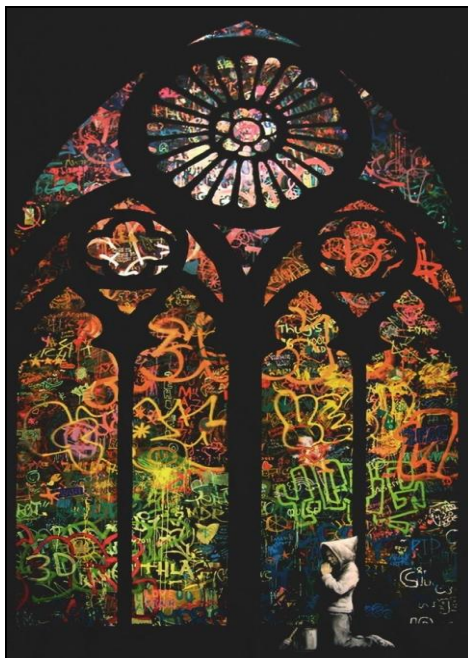


Figura 4 - "Pintar Deus em graffiti" da Igreja Viva.

Anexo V - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na quinta aula.



Figura 1 – Sumário da quinta aula.



Figura 2 – Vídeo “A experiência de Nick Vujicic”. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=O-bPWzI0khY>.

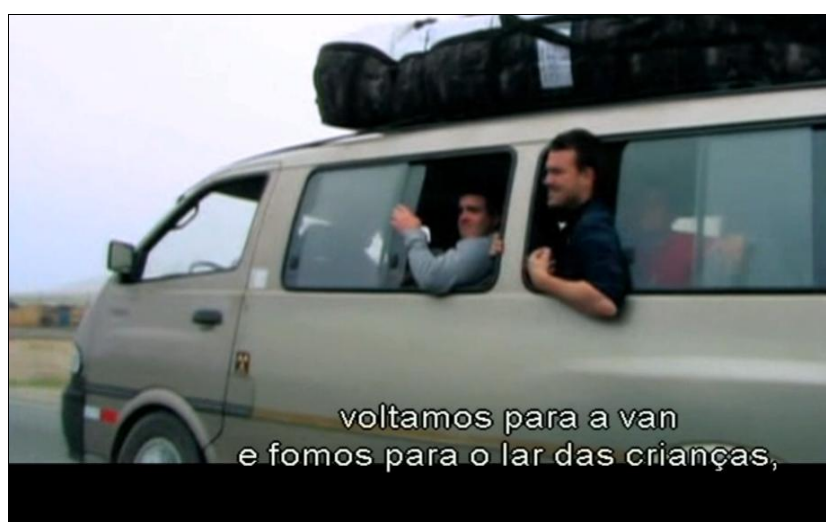


Figura 3 – Excerto do filme “A experiência humana” retirado do filme completo em formato DVD.

Anexo VI - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na sexta aula.



Figura 1 – Sumário da sexta aula.

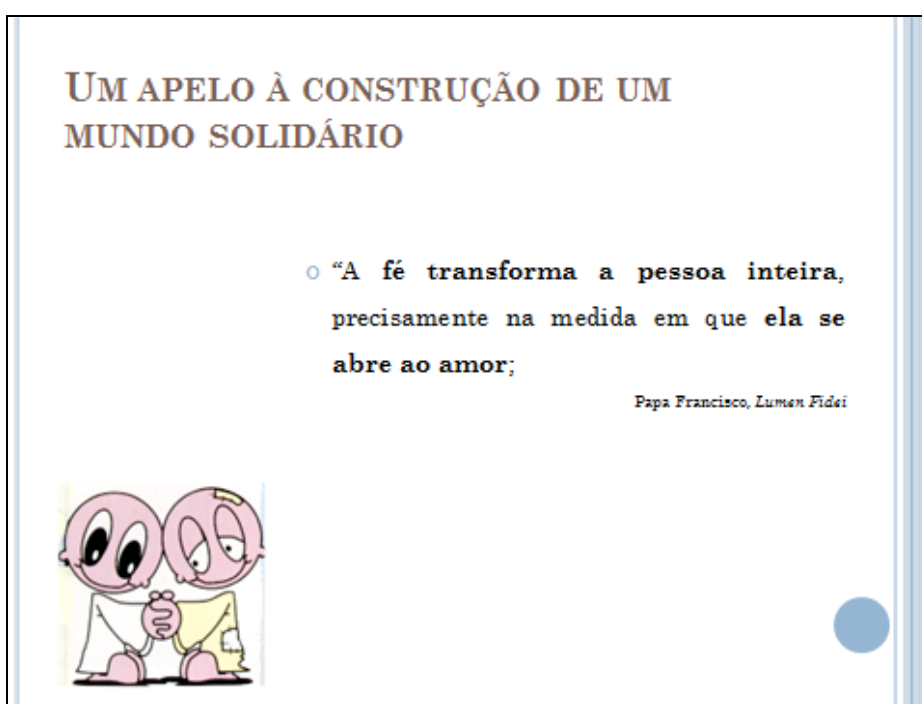


Figura 2 – Frase do Papa Francisco.



Figura 3 – Vídeo em que o Papa Francisco pede para pararem o carro e abençoa um jovem doente. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=Z5-5LFiiTQw>

1 Assinala as afirmações corretas a respeito do texto da página 86 do teu manual.

A solidariedade é

- a) uma atitude de interdependência e ajuda mútua.
- b) cooperação com os outros, assumindo responsabilidades recíprocas.
- c) manifestação de compaixão e auxílio aos que sofrem.
- d) um elemento constitutivo da identidade da pessoa, enquanto ser aberto e atento aos outros.
- e) uma oportunidade para construir relações interpessoais marcadas pela competição.
- f) a fonte de valores que dignificam a vida humana.

2 Assinala o conjunto de respostas corretas (MA 86).

São Vicente de Paulo

- a) era francês, viveu durante o século XVIII e destacou-se por uma notável inteligência e sentido religioso da vida.
- b) era padre e teólogo francês.
- c) era solidário com os pobres, os doentes e os prisioneiros.
- d) foi fundador da Congregação da Missão, evangelizadora do «pobre povo do interior».
- e) foi fundador das Conferências Vicentinas.



São Vicente de Paulo

- A (a, b, c) B (b, c, d,) C (a, c, d) D (b, c, e)

3 Identifica o que significa **ser cristão** para São Vicente de Paulo, a partir das seguintes frases dele: «Como ser cristão e ver o seu irmão aflito, sem chorar com ele? É viver sem caridade, é ser cristão de pintura, é não possuir nada de humanidade, é ser pior que os animais.»

4 Assinala cada uma das seguintes afirmações com V ou F consoante sejam ou não conformes à vida e obra de **Aristides de Sousa Mendes** (MA 87-88).

- a) Nasceu em 1885 em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, Portugal.
- b) Licenciou-se em Economia.
- c) Após ter exercido funções diplomáticas em várias cidades, foi nomeado cônsul em Bordéus, França.
- d) Solidário com os perseguidos por Hitler, desobedeceu a Salazar e salvou cerca de trinta mil pessoas.
- e) Conduziu vários grupos de milhares de refugiados através dos Pirenéus, a pé e de automóvel.
- f) Foi demitido de embaixador, proibido de exercer a sua profissão e obrigado a vender tudo para alimentar a família.
- g) Morreu na miséria em 1954.
- h) Foi postumamente homenageado em Nova Iorque e, mais tarde, também em Portugal.



Aristides de Sousa Mendes

5 Como avalias, do ponto de vista ético, o facto de Aristides de Sousa Mendes ter **desobedecido à lei** vigente e de se ter **prejudicado a si próprio** para salvar outras vidas?

6 Assinala as afirmações corretas referentes ao texto das páginas 88-89 do teu manual.


João XXIII



- a) ficou conhecido como o «Bom Papa».
- b) chamava-se Ângelo Roncalli e nasceu em 1881, numa aldeia do norte de Itália, de uma família modesta.
- c) na Primeira Guerra Mundial, foi capelão militar dos soldados feridos.
- d) na Segunda Guerra Mundial, como embaixador do Vaticano, salvou muitos judeus.
- e) em 1958, eleito papa, escolheu o nome João em homenagem a São João Baptista.
- f) foi um papa empreendedor, corajoso, simples e cordial.
- g) irradiava, através dos seus gestos, a paz de quem confia profundamente em Deus.
- h) foi o impulsionador de uma grande reforma na Igreja Católica.
- i) convocou o Concílio Vaticano III, visando a renovação da Igreja e da sua relação com o mundo.

Figura 4 – Ficha n.º 17 do Caderno do Aluno.

| | |
|--|---|
|  <p>São Vicente de Paulo</p> <p>a) era francês, viveu durante o século XVIII e destacou-se por uma notável inteligência e sentido religioso da vida.</p> <p>b) era padre e teólogo francês.</p> <p>c) era solidário com os pobres, os doentes e os prisioneiros.</p> <p>d) foi fundador da Congregação da Missão, evangelizadora do «pobre povo do interior».</p> <p>e) foi fundador das Conferências Vicentinas.</p> <p> <input checked="" type="radio"/> A (a, b, c) <input checked="" type="radio"/> B (b, c, d) <input checked="" type="radio"/> C (a, c, d) <input checked="" type="radio"/> D (b, c, e) </p>  |   <p> <input checked="" type="checkbox"/> a) Nasceu em 1885 em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, Portugal. <input checked="" type="checkbox"/> b) Licenciou-se em Economia. <input checked="" type="checkbox"/> c) Após ter exercido funções diplomáticas em várias cidades, foi nomeado cônsul em Bordéus, França. <input checked="" type="checkbox"/> d) Solidário com os perseguidos por Hitler, desobedeceu a Salazar e salvou cerca de trinta mil pessoas. <input checked="" type="checkbox"/> e) Conduziu vários grupos de milhares de refugiados através dos Pirenéus, a pé e de automóvel. <input checked="" type="checkbox"/> f) Foi demitido de embaixador, proibido de exercer a sua profissão e obrigado a vender tudo para alimentar a família. <input checked="" type="checkbox"/> g) Morreu na miséria em 1954. <input checked="" type="checkbox"/> h) Foi postumamente homenageado em Nova Iorque e, mais tarde, também em Portugal. </p> |
|--|---|



- a) ficou conhecido como o «Bom Papa».
- b) chamava-se Ângelo Roncalli e nasceu em 1881, numa aldeia do norte de Itália, de uma família modesta.
- c) na Primeira Guerra Mundial, foi capelão militar dos soldados feridos.
- d) na Segunda Guerra Mundial, como embaixador do Vaticano, salvou muitos judeus.
- e) em 1958, eleito papa, escolheu o nome João em homenagem a São João Batista.
- f) foi um papa empreendedor, corajoso, simples e cordial.
- g) irradiava, através dos seus gestos, a paz de quem confia profundamente em Deus.
- h) foi o impulsionador de uma grande reforma na Igreja Católica.
- i) convocou o Concílio Vaticano III, visando a renovação da Igreja e da sua relação com o mundo.

Figura 5 – Correção da ficha apresentada em PowerPoint.

SÃO VICENTE DE PAULO



São Vicente de Paulo nasceu em 1581, numa aldeia do sul da França. Destacou-se, desde cedo, por uma notável inteligência e sentido religioso da vida. Estudou Teologia na Universidade de Toulouse e foi ordenado sacerdote.

Confrontado com tanta pobreza em contraste com a riqueza de poucos, Vicente começou a distribuir bens aos pobres e a fazer visitas aos enfermos nos hospitais.

Naquele período, a Marinha francesa estava em expansão e, para resolver o problema da mão de obra necessária para o remo, era costume a condenação às galés. Vicente empenhou-se nesta missão, lutando por mais dignidade para estes prisioneiros, que viviam em condições sub-humanas.

Vendo o abandono espiritual dos camponeses, fundou a Congregação da Missão, para evangelização do «pobre povo do interior».


Inspirado pelo seu amor a Deus e aos mais desamparados, São Vicente de Paulo concretizou muitas obras de amor e solidariedade. A sua vida é uma história de doação aos irmãos indigentes e de amor a Deus. O pai dos pobres inspirou as Conferências Vicentinas, fundadas por António Frederico Ozanam e seus companheiros, em 1833, que, espalhadas pelo mundo inteiro, vivem permanentemente o amor a Deus na ajuda aos mais carenciados.

Figura 6 – Texto retirado do Manual do Aluno, página 86.



Figura 7 – Vídeo do documentário “Os grandes portugueses” da RTP1 sobre Aristides de Sousa Mendes. Adaptado de https://www.youtube.com/watch?v=nefahWcE9_4.

ARISTIDES DE SOUSA MENDES (1885-1954)



- «Tenho de salvar estas pessoas, quantas eu puder. Se desobedeço a ordens, prefiro estar com Deus e contra os homens, que com os homens e contra Deus».
- Em 1987, o presidente da República Portuguesa, Mário Soares, conferiu-lhe, a título póstumo, a Ordem da Liberdade.

Figura 8 – Texto retirado do Manual do Aluno, página 86.



| | |
|---|---|
| <p style="text-align: center;">PAPA JOÃO XXIII - O «BOM PAPA»</p>  <ul style="list-style-type: none"> ○ Ângelo Giuseppe Roncalli - <i>Papa João XXIII</i> nasceu em 1881 numa aldeia do norte de Itália de uma família humilde e numerosa de trabalhadores agrícolas. Devido ao clima religioso da família e à fervorosa vida paroquial, Ângelo sentiu o chamamento para ser padre; ○ Já ordenado padre, em 1915, quando a Itália entrou na Primeira Guerra Mundial, tornou-se capelão militar dos soldados feridos que regressavam da linha de combate; ○ Por causa da sua capacidade de diálogo e humildade foi escolhido para diplomata do Vaticano em vários países. | <p style="text-align: center;">PAPA JOÃO XXIII - O «BOM PAPA»</p>  <ul style="list-style-type: none"> ○ Durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), como embaixador do Estado do Vaticano salvou muitos judeus. ○ Preocupado com o afastamento da Igreja em relação à sociedade, foi o impulsor de uma grande reforma na Igreja Católica: convocou o Concílio Vaticano II (1962 – 1965), visando a renovação da Igreja e da sua relação com o mundo. ○ Foi, em suma, um Papa empreendedor, corajoso, simples e cordial. Recebeu pessoas de todas as nações e crenças; cultivou um extraordinário sentimento de acolhimento para com todos. Sustentava o um profundo amor a Deus e aos outros. Os seus gestos irradiavam a paz de quem confia profundamente em Deus. |
|---|---|

Figura 9 – Texto retirado do Manual do Aluno, página 88.



Figura 10 – Conferência da Fernando Santos. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=RT44P8aisG0>.

FERNANDO SANTOS



- o Fernando Manuel Costa Santos nasceu a 10 de Outubro de 1954, em Lisboa.
- o Iniciou a sua carreira de futebolista no Sport Lisboa e Benfica e passou ainda pelo CS Marítimo e Estoril
- o Licenciou-se em Engenharia Eletrotécnica pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa em 1977.
- o Foi apresentado a 24 de Setembro de 2014 pela Federação Portuguesa de Futebol como **Selecionador Nacional**.

Figura 11 – Apresentação resumo.

SOLIDARIEDADE

- a) uma atitude de interdependência e ajuda mútua.
- b) cooperação com os outros, assumindo responsabilidades recíprocas.
- c) manifestação de compaixão e auxílio aos que sofrem.
- d) um elemento constitutivo da identidade da pessoa, enquanto ser aberto e atento aos outros.
- e) uma oportunidade para construir relações interpessoais marcadas pela competição.
- f) a fonte de valores que dignificam a vida humana.



Figura 12 – Correção do exercício

Anexo VII - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na sétima aula.



Figura 1 – Sumário da sétima aula.



Figura 2 – Vídeo sobre Madre teresa de Calcutá.
Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=zCC3-ubnRuc>.



Figura 3 – Vídeo sobre a Casa de Saúde S. João de Deus em Barcelos. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=KGhW33OGVaI>.



Figura 4 – Vídeo “Uma família humana” da Cáritas Nacional. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=liiIHRbzuA&list=UUFb9n7npbuafDkQCcyhy4vA>



Figura 5 – O vídeo institucional sobre o banco alimentar. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=9UJ5ef-SJEU>.